UE – Quebrar o gelo para União Fiscal, da UBS à Deutschland ao FT

UBS (Setembro 2011) – Eurozone tem de mudar [e o habitual junk-pimping].

Chantagem soft – Proliferação de junk – Fundos de estabilidade – Reforma Eurozone. Com isto (ainda em 2011), a UBS faz uma forma de chantagem soft: ou a Eurozone muda, ou as coisas complicam-se. É claro que as soluções oferecidas estão ao nível de maior proliferação de junk bonds, com garantia colateral pelo BCE e a instituição do El Dorado dos fundos de estabilidade, o mecanismo pelo qual bancos privados e bancos centrais podem essencialmente comprar e sequestrar economias inteiras (o caso de Grécia, Portugal). Mas a política monetária em si é intimada, existindo em *background* a sugestão subtil da necessidade de uma reforma sobre o euro em si.

"Euro não pode continuar na sua presente forma".

"Falha do euro traria governo militar, guerra civil ao longo da Europa". «*The euro cannot exist in its current state, and with its demise authoritarianism and possibly civil war could consume parts of Europe, global financial giant UBS writes in a report… "It is also worth observing that almost no modern fiat currency monetary unions have broken up without some form of authoritarian or military government, or civil war"*»

"Ou estrutura monetária muda, ou estados-membro da zona euro mudam".

"Se um país forte saísse: corporate default, recapitalization, collapse of trade".

"Mas, bailout dos PIIGS: um pouco mais de 1000 euros por pessoa numa só vez". «*"Under the current structure and with the current membership, the euro does not work. Either the current structure will have to change, or the current membership will have to change… Were a stronger country such as Germany to leave the euro, the consequences would include corporate default, recapitalization of the banking system and collapse of international trade," UBS says… the cost of bailing out Greece, Ireland and Portugal entirely in the wake of the default of those countries would be a little over 1,000 euros per person, in a single hit, the bank adds*»

"Colapso não é iminente, mas questões monetárias não podem ser lidadas casualmente".

"Soluções" parciais: fundos de estabilidade, compras de *junk bonds* pelo BCE. «*While UBS says there is no evidence of such a doomsday scenario on the horizon, it does point out it out that "monetary union breakup is not something that can be treated as a casual issues of exchange rate policy," MarketWatch adds separately. Steps to aid the eurozone countries include the creation of stability funds as well as European Central Bank purchases in bond markets of troubled countries*» ["UBS: Euro Can't Survive, Demise to Spark Chaos", Forrest Jones, Moneynews, September 7, 2011]

[Setembro, 2011] Entretanto, Merkel fala de "blood, sweat and tears".

"Europa precisa de mudanças estruturais" [reforma].

"Euro bonds e reestruturação de dívida não são suficientes".

«*Yet for Germany, structural improvements to the continent's underlying economies are needed to prevent future crises. "I'm convinced that this crisis, if a great crisis of the Western world is to be avoided, cannot be fought with a 'carry on' attitude. We need a fundamental rethink," says German Chancellor Angela Merkel, according to Reuters. "We must make it very clear to people that the current problem, namely of excessive debt built up over decades, cannot be solved in one blow, with things like euro bonds or debt restructurings that will suddenly make everything OK. No, this will be a long, hard path, but one that is right for the future of Europe."*» ["UBS: Euro Can't Survive, Demise to Spark Chaos", Forrest Jones, Moneynews, September 7, 2011]

[Outubro, 2011] The plot thickens – Alemanha propõe União Fiscal.

FT: "Crise na Eurozone expôs necessidade de união fiscal, mais integração política".
«*…the eurozone crisis exposed the lack of economic integration needed to complement the European monetary union. But if the 17 partners in the common currency are going to interfere in each others' national fiscal strategies – hitherto regarded as the cornerstone of national sovereignty – then closer political integration is essential, say proponents*»

Alemanha (banking, corporate, politics) – "mais Europa" [Sieg Heil].

"Debate-se fundo monetário europeu, regras orçamentais estritas, união fiscal".

"Maastricht não basta, é preciso união fiscal".

"German business is pro-European" [ja natürlich!].

Confederação Industrial (BDI) – "Fundo fiscal, votos proporcionais a contribuições".

«*Across the German political spectrum, and among the nation's business and banking community, pressure is growing for "more Europe" as the answer to the plight of the eurozone… the overall direction is backed by a clear majority of the ruling Christian Democratic Union, headed by Chancellor Angela Merkel, and her liberal Free Democrat partners. The German Federation of Industry (BDI), the powerful manufacturers' association, is in favour, and so are the opposition Social Democrats (SPD) and Greens… the call for… more European unity even won support from Josef Ackermann, chief executive of Deutsche Bank… Some of the ideas being discussed in Germany include the establishment of a European monetary fund, budget rules that are enforceable in the European court of justice and a transfer of elements of budget*

sovereignty from national capitals to Brussels… Another idea that certainly would be on the table in any treaty-change negotiations – the introduction of jointly guaranteed eurobonds to help finance eurozone nation borrowing… German business is pro-European. The BDI called for a new treaty in September, with a radical document including the idea of a European fiscal fund, amalgamating the EFSF and ESM, with tough conditions for borrowers, and voting rights reflecting financial contributions. It would be "politically independent"… To German eyes, the next step forward in the EU – or at least in the eurozone – must fill in the gaps left by the Maastricht treaty that created a monetary union without a fiscal union» ["Pressure grows for 'more Europe'". Quentin Peel, Financial Times, October 16, 2011]

[Outubro, 2011] FT (representa a City): União fiscal, vorwärts!

Alemanha é o motor económico da UE, grande fiador dos bailouts Eurozone.

Está "way front in such thinking" [so progressive!, vorwärts euro-jügend!].

Depois, as gincanas dialécticas típicas da UE [cada vez mais fársicas].

***Holanda, Finlândia não querem que (pobres) instituições europeias percam poder*.**

***Trichet serve de facilitador em tudo isto, um part-time após sair do BCE*.**

***No consensus circle, Irlanda é o resistente, UK é um possível moderador*.**

***Mas Alemanha é o principal stakeholder, tem direitos comunitários acrescidos*.**

[Futuro: Fritar resistentes para conversão – União fiscal feita através de Bruxelas].

«*The trouble is that Germany – the largest net contributor to the EU budget, the biggest single guarantor of eurozone rescue plans, and the motor of the European economy – seems to be way out in front of its partners in such thinking. The Netherlands and Finland are worried that Germany, with France, wants more "intergovernmental" deals, weakening the European Commission and parliament. Paris says it backs Berlin, but in practice is much more hesitant. Ireland – where referendums are required for any treaty change – is openly hostile… The UK, the most eurosceptic EU nation of all, would oppose most of Germany's ideas on the subject, but seems to be ready to approve anything that only affects the eurozone, rather than the full 27-nation EU… In an interview on French radio, [Jean-Claude Trichet] said it was necessary to change the treaty "to prevent one member state from straying and creating problems for all the others." Asked if that meant getting rid of national vetoes, he added: "To do this, one even needs to be able to impose decisions…" Germany's partners may not like it, but if Germany is going to remain the main financial guarantor of the euro, treaty change may be unavoidable*» ["Pressure grows for 'more Europe'". Quentin Peel, Financial Times, October 16, 2011]

ORIGENS DA UE – PROGRESSÃO ATÉ 2001.

PROCESSO – Progressão da integração europeia.

Estabelecimento do mercado comum europeu.

Nações europeias começam um lento processo de entrega de independência e soberania a Bruxelas.

No século XXI, vastas estruturas de Bruxelas legislam sobre todos os pontos da vida dos cidadãos.

Decidem sobre mais de 75% da legislação dos estados-membro.

Progressão da UE.

(1948) **Congresso de Haia** exige unificação da Europa e do **mundo**. O "Congress of Europe", The Hague, 7-10 May 1948, organizado pelo International Committee of the Movements for European Unity. A "Political Resolution of the Hague Congress" exige uma Europa unida [«*United Europe*»] com acção «*economic, political and cultural*», uma «*Union or Federation*», «*economic and political union*».

Europa unida é passo essencial para planeta unido. «*DECLARES that the creation of a United Europe is an essential element in the creation of a united world*».

(1950) Declaração **Schuman**: integração gradual numa Europa federal. Em 1950, Robert Schuman, o ministro dos negócios estrangeiros francês, dá início ao processo de integração europeia, e afirma que o objectivo final é a unificação da Europa num único bloco económico e político, uma federação. A fundação de um «*common economic system*» seria a «*first concrete foundation of a European federation*». Esse processo seria feito de um modo gradual, como HG Wells tinha advogado em 1939.

(1951) **Tratado de Paris** estabelece ECSC. Em Dezembro de 1951, a European Coal and Steel Community (ECSC), de seis nações – autoridade comum para regular o comércio do carvão e do aço entre as nações da Europa Central.

(1954) **EDC** falha e o discurso é diluído. Em 1954, a EDC (European Defence Community) falha. Os europeus ainda tinham a memória fresca do passado do Continente. Tinham também, mesmo ao lado, um exemplo vivo de uma "utopia supranacional". Após falhanço do EDC, discurso muda: deixaram de se usar termos como "supranacional" ou "federação", e passou a falar-se apenas de cooperação, objectivos comuns, este género de coisas.

(1957-58) Os **Tratados de Roma** estabelecem a CEE. Em Março de 1957, os Tratados de Roma, estabelecem a CEE (European Economic Community, 1958), integração económica entre Belgium, France, Germany, Italy, Luxembourg and the Netherlands, conhecida como o "Mercado Comum".

CEE cresce ao longo das décadas seguintes.

(1957) Tribunal Europeu de Justiça. Em Outubro de 1957, é criado o European Court of Justice, para mediar disputas comerciais na região.

(1960) EFTA. Maio 1960, European Free Trade Association (EFTA), entre sete nações.

(1967) ESCS, EAEC e CEE são fundidas numa **Comunidade Europeia unitária**. Em Julho 1967, há a fusão de ESCS, EAEC e CEE numa só organização, a Comunidade europeia. Esta tem os seus corpos governantes, a Comissão Europeia e European Council of Ministers.

(1968) União Tarifária Europeia. Em 1968, a European Customs Union, para abolir tarifas e estabelecer taxação uniforme sobre importações, entre as nações da CEE.

(1974) Conselho da Europa.

(1978-79) ECU e **Sistema Monetário Europeu**. Em 1978, a European Currency Unit (ECU) e o SME no ano seguinte.

(1979) Parlamento Europeu.

(1986) Single European Act – **SEA**: Objectivo de Mercado Comum até 1993. Em Fevereiro de 1986, a revisão Single European Act do Tratado de Roma, estabelece o objectivo de criar um Mercado Comum até 31 de Dezembro de 1992.

SEA (1986) apela à eliminação das fronteiras nacionais.

A partir daí, CEE passa a ser conhecida como União Europeia. A partir daí, a CEE (mais conhecida nessa altura como o Mercado Comum) passou a ser conhecida como União Europeia.

Ou seja, laços económicos mas também políticos. A mudança de laços meramente económicos para laços políticos estava a ser alcançada.

(1991) **Tratado de Maastricht** estabelece UE. A 7 de Fevereiro de 1992, o Tratado de Maastricht é assinado, estabelecendo a UE, a começar a 1 de Novembro de 1993.

Dezembro de 1991, logo após o colapso da URSS.

União monetária, banco central, abolição de tarifas. Requereu também que todos os países membro da CE abolissem as suas barreiras tarifárias e comerciais, e que entregassem as suas políticas fiscais para as mãos dos tecnocratas da comissão Europeia, em Bruxelas.

Tribunal Europeu começa a ordenar revisões legais nos estados-membro. E o tribunal europeu em Estrasburgo começou a ordenar a estados-membro que reescrevessem ou cancelassem algumas das suas leis, algo que as nações têm vindo a fazer, obedientemente.

(1995) **Euro**, a moeda comum. O nome "Euro" foi adoptado em Dezembro de 1995. Foi introduzido em Janeiro de 1999, substituíndo a ECU. A nova moeda entrou em circulação em Janeiro de 2002, e é agora a moeda oficial para 16 dos 27 estados-membro.

(1997) **Tratado de Amsterdão** aumenta poderes da UE, prepara expansão para Leste.

(2001) **Tratado de Nice** na continuidade de Amsterdão. Removeu ainda mais poderes dos países para os entregar à Comissão Europeia, e continuar a implementar medidas para expansão para Leste.

Actualmente, UE conta com **27 membros**.

INSTITUIÇÕES EUROPEIAS.

European Council. Composto dos 27 chefes de estado dos estados-membro.

Decide o Presidente do European Council e o Presidente da Comissão. É o Conselho da União Europeia que decide por detrás das cenas, em reuniões secretas, quem se torna Presidente da UE, bem como quem se torna Presidente da Comissão Europeia. Os membros do Conselho decidem por si quais as emendas que podem ser feitas ao Tratado de Lisboa e têm poder último para fazer essas emendas como desejam, sem qualquer referendo.

Presidente do European Council. Nomeado não-democraticamente pelo EU Council. Tem a posição de Presidente por 2½ anos, mandato renovável uma vez. Portanto, pode ser o Presidente da UE por 5 anos. O processo de selecção acontece por detrás de portas fechadas e em segredo, pelos 27 membros do European Council.

Conselho (The Council), composto de ministros nacionais. Composto dos ministros nacionais, tais como os ministros da Agricultura, Finança, etc. Estes são os únicos que votam em todas as leis baseadas em propostas da Comissão. Também votam em certas leis com base em Qualified Majority Voting (QMV).

A Comissão Europeia é o poder político máximo na Europa.

27 comissários. Actualmente, a Comissão tem 27 Comissários, um por cada estado-membro. Antes de Lisboa, cada parlamento nacional seleccionava um Comissário; porém, com Lisboa os parlamentos nacionais apenas podem sugerir um Comissário, que pode ser rejeitado. O número de Comissários é também reduzido a menos do que o número de estados-membro, com nomeações feitas numa base rotativa.

Superioriza-se legalmente a qualquer outra entidade. A Comissão pode rever, editar, repelir, reeditar leis aprovadas pelos parlamentos europeus, ou pelo Parlamento de Estrasburgo.

Legislador supremo, executivo plenipotente. Este poderoso corpo, não-eleito, é a única instituição que pode propor leis novas. Age como o legislador supremo, ipso facto, o Politburo. Politicamente, não existe poder superior à Comissão; nenhum sistema de balanço ou separação de poderes. A Comissão é um executivo plenipotente, não eleito.

Leis originadas em grupos de trabalho secretos, altamente expostos a lobbying. Estas leis originam-se de milhares de grupo de trabalho secretos dentro da Comissão,

acarretando muitos conflitos de interesse. Não é possível conhecer os processos, por proibição executiva.

Pode governar por fiat na ausência de aprovação do Parlamento. Teoricamente, as decisões da Comissão têm de passar pelo Parlamento Europeu, mas se o Parlamento não for cooperativo, a Comissão pode simplesmente governar por fiat, e implementar política através de regulações imediatamente vinculativas a todos os estados-membro.

Inúmeras agências de governância.

Público-privadas.

Pontos de encontro entre indústria, banca e reguladores.

Parlamento Europeu, uma entidade simbólica e cerimonial.

Único corpo eleito, e aquele com menos poder. O PE é o único corpo directamente eleito na UE e é aquele que tem menos poder. Os MEPs apenas podem sugerir emendas a leis [que, porém, podem ser ignoradas] e votar para bloquear leis do Conselho de Ministros. Não podem propor nenhuma legislação nova.

Dá uma face aparentemente democrática à União Europeia. O Parlamento Europeu funciona como o antigo Soviete Supremo, aplaudindo e carimbando por debaixo as prescrições políticas do Politburo.

FARAGE – CE é plenipotente, PE assina por debaixo – CE e big business.

Farage – comissão e 30.000 burocratas fazem leis, parlamento sem poder (The way the EU works is there is a thing called the EC. They have beneath them 30.000 bureaucrats and the EC has the sole right within the EU to propose legislation and the sole right to repeal, ammend or change legislation. So, what happens is, the commission comes up with a law, it gives it to the Parliament, who can delay it a little bit, and in the end it gets rubberstamped further down by the line by more civil servants. The whole process is done entirely in secret. Distinctly unhealthy relations between commissioners and big business. And it is a remarkable thing to think that it is the bureaucrats that make law, and the parliamentarians that fiddle around with the implication. It's the destruction of democracy.)

farage - cartel big business-burocratas, all very happy (hand in glove you know, the big businesses, the bureaucrats they have the sole right to make laws. They're all very happy with they are creating)

LEGISLAÇÃO EUROPEIA.

Cadeia de transmissão de legislação europeia.

Arranjos secretivos no topo, em parceria com firmas privadas, lobbistas, ONGs. Isto inclui institutos, bancos, etc.

Expressão em tratados, directivas, regulações, regras, recomendações, etc.

Aprovação no Parlamento Europeu.

Adopção nos estados nacionais e nos domínios regionais.

UE decide 70-90% das leis que afectam nações europeias. Cerca de 70 a 90% das leis passadas nas nações europeias são apenas implementações nacionais de regulações passadas em Bruxelas, pela CE, e aprovadas pelo PE;

Artigo sobre parlamentares europeus, "85% of european laws made in EU". 85% na Alemanha, ainda mais noutros estados – neste artigo, os MEPs queixam-se de que os políticos nacionais menosprezam o papel do PE. Sentem-se injustiçados, pela sua monstruosidade continental não ser reconhecida pelo comum dos mortais.

Mike Nattrass – 75% de leis no UK, perca de soberania.

Mike Nattrass 1 – 75% leis, loss of sovereignty (We pulled our sovereignty and have an european empire, which makes 75% of our law)

Mike Nattrass 2 – never before have so many been conned by so few (Never before in the field of human politics have so many been conned by so few)

A Babel legal da UE – Similar à URSS.

Um código legal deveria ser simples. Um código legal deveria ser simples, elegante e directo, e compreensível para qualquer cidadão letrado. É isso que demarca uma sociedade livre – as regras são estáveis, simples, baseadas em pressupostos de bom senso, e são escritas de forma a serem facilmente acessíveis a todos.

A Babel legal da UE. No espaço de pouco mais de quatro décadas, a UE conseguiu inventar um dos mais extensos e complexos códigos legais da história humana, directamente comparável ao código legal soviético. A insanidade legislativa da UE

expressa-se em centenas de milhares de páginas redigidas no mais impenetrável e ambíguo burocratês, incompreensível para o comum dos mortais. Os burocratas europeus gostam de termos como “constructive ambiguity”, ou “transparent impenetrability”.

Virtualmente todos os aspectos da vida, e depois mais alguns, são regulados por legislação europeia que é confusa, ambígua, e subjectiva, que abrem as portas a todo o tipo de aplicações selectivas.

Torrentes intermináveis de normas sobre normas sobre normas, que regulam outras tantas normas e normalizam regulações, derivadas de directivas que moldam decisões sobre acordos, conforme expressos por regulações moldadas por resoluções sugeridas em livros brancos, ou talvez em livros verdes, comunicadas de modo a facilitar intepretações divergentes, se não normativizadas, por forma a introduzir debate satisfatórios sobre pontos legislativos... a regular. Com normas emendadas.

[***Torre de Babel/PE, em fundo***]

<u>Legislação europeia seria uma boa fonte de aquecimento</u>. Numa época de austeridade, em que os governos se queixam da falta de disponibilidade de energia, os vários milhares de volumes de legislação pútrida e cleptocrática que saiem de Bruxelas e Estrasburgo dariam uma excelente fonte de aquecimento, para qualquer ministério.

ONU – Impenetrabilidade transparente. “Impenetrabilidade transparente”, expressão usada pelo antigo chefe do centro de documentação da ONU [“Durban: what the media are not telling you”, Lord Monckton]

Na prática, o estado-nação europeu já não existe.

...a não ser na cabeça das pessoas. Portanto, na prática, os estados-nação da Europa já não existem; só existe na cabeça do cidadão médio, que ainda pensa em si próprio como francês, português, ou inglês, e é isso que Bruxelas pretende dizer quando diz que a população tem de despertar para a nova realidade europeia.

Orçamento para propaganda.

UE tem orçamento de $250 milhões para RP. aqui, também, existe um paralelo com a UE, que administra um fundo de $250 milhões por ano apenas para publicitar a sua própria utilidade, ou seja, gasta esse dinheiro dos contribuintes em agências de RP, para publicitar a sua própria existência.

Open Europe – UE gasta £2 biliões/ano em propaganda. Estudo da Open Europe, sobre 2 biliões de euros gastos por ano, em exercícios de RP (EU spends £2bn each year on 'vain PR exercises').

TRATADO DE LISBOA – “PÓS-DEMOCRACIA”.

UE, “democracia só é boa se for europeística”.

Chumbo da Constituição, em 2005, recebido com luto mediático e demagogia. Quando a Constituição foi chumbada, em 2005, foi como se uma vaga de luto tivesse caído sobre a Europa, e Hitler estivesse preparado para renascer.

A UE é vendida como uma espécie de Utopia.

“Europa será espaço de felicidade e prosperidade, quanto for inteiramente unida”.

“Um voto bom é um voto na direcção que a UE quer”. “O que é bom é o que aumenta integração europeia”. Etc. Linha propagandística iniciada por Hegel e pelos fascistas alemães, que encontra a sua continuação lógica no novo Império Germânico, a UE. O cheiro a Grosse Deutschland.

Método pós-democrático – democracia é boa quando vota “bem”.

Após chumbo, simplesmente cosmetizar e repetir voto. Método típico na democracia pós-moderna; quando uma proposta é rejeitada, é simplesmente reformulada, com uma operação cosmética, e apresentada uma segunda, terceira, quarta, quinta vez.

Se um referendo não alcança o resultado “certo”, simplesmente repete-se, vez após vez.

Mais eficiente e elegante do que enviar T-51s e MiGs. É muito mais elegante, e até económico, do que enviar esquadras de tanques e MiGs, como Moscovo fazia para manter coesão e união, na sua própria utopia.

Todas as utopias se baseiam em elitismo e desprezo pelo homem comum.

Democracia é boa, desde que vote como intelligentsia quer.

O mais completo desprezo pela vontade dos cidadãos. Aqui presente, o mais completo desprezo pela vontade dos cidadãos.

Como em todas as utopias do passado, e esta ainda agora começou.

TRATADO DE LISBOA.

Constituição Europeia chumbada em 2005.

Por cidadãos Franceses e Holandeses, em referendos. O Treaty Establishing a Constitution for Europe procurou substituir os prévios tratados com uma nova e única Constituição Europeia. A ratificação foi rejeitada pelos referendos Francês e Holandês.

Tratado de Lisboa – UE torna-se superestado.

Tomou efeito a 1 de Dezembro de 2009.

UE ganha personalidade jurídica. Ou seja, torna-se uma instituição independente dos estados-membro, com poder estatal legal. Esta EU pós-Lisboa é pela primeira vez um estado legalmente separado de, e superior, aos seus 27 estados-membro e pode assinar tratados internacionais com outros estados em todas as áreas sob o seu poder (Arts.1 and 47 TEU; Declaration 17 concerning Primacy).

Poderes de auto-emenda.

Poderes governamentais sobre toda a Europa.

Poderes para criar ministérios federais próprios.

Transfere ainda mais poderes do estado-nação para autoridades federais.

Transforma estados-nação em províncias federais. Em termos constitucionais, Lisboa transforma cada estado-membro num estado provincial ou regional no seio de um sistema Federal, onde as leis e a Constituição da UE têm primazia legal sobre as leis e constituições nacionais em quaisquer casos de conflito entre as duas.

O estado-nação europeu é consignado ao caixote do lixo da história. Isto significa retirar a cada estado-nação a sua soberania, a sua identidade nacional, os processos democráticos e o direito de referendo. Com o Tratado de Lisboa, as pessoas abdicaram do seu direito a auto-determinação e a democracia.

"Lisbon ends the 200 year old experiment in democracy".

"Ireland votes yes, our 1,000 years of history ends like this".

"The Vote To End All Votes". [Architecture of a Totalitarian State - The Non-Democratic Power Structure of Post-Lisbon EU]

Tratado de Lisboa – Instituições.

Comissão Europeia como corpo legislativo e executivo, Conselho Europeu, e um Conselho ministerial.

Presidente do Conselho Europeu.

Sistema judicial próprio, com o TEJ.

Tribunal Europeu de Justiça, poder para decidir direitos e deveres humanos. Dá ao Tribunal Europeu de Justiça o poder para decidir sobre direitos e deveres humanos.

Poder para decretar standards uniformes. Isto dá poder aos juízes da UE para decretar um standard uniforme de direitos para os 500 milhões de cidadãos da UE.

Áreas afectadas. Isto toca em áreas como direitos de propriedade, julgamento por júri, presunção de inocência e habeas corpus, legalização de drogas, eutanásia, aborto, lei laboral, lei de sucessão, lei de casamento, direitos da criança, etc.

Tratado de Lisboa – Cidadania europeia.

Nova entidade histórica – o "Europeu"... Todos os europeus passam a ser cidadãos europeus... Com direitos e deveres enquanto tal, que são definidos pelo Tribunal Europeu de Justiça.

... com direitos e deveres definidos pelo TEJ. Os cidadãos dos países europeus tornam-se cidadãos do estado federal europeu, devendo obediência às suas leis e lealdade à sua autoridade, acima do estado-nação ao qual pertencem.

"You are now a citizen of the EU superstate".

Tratado de Lisboa – Poderes governamentais sobre todos os campos da vida.

Agricultura, pescas.

Indústria.

Política externa.

Finança e banca.

Segurança interna (vigilância, crime, policiamento, funcionamento jurídico).

Serviços públicos.

Defesa (forças armadas).

Imigração.

Energia, transportes.

Turismo, desporto.

Cultura, educação.

Saúde pública.

Ambiente.

Tratado de Lisboa – Controlo económico e harmonização fiscal.

Dá à UE poder exclusivo sobre regras de investimento internacional.

Permite o estabelecimento de impostos europeus. (Art.311 TFEU)

Dá ao Tribunal Europeu de Justiça poder para ordenar harmonização fiscal sobre impostos nacionais indirectos. Se julgar que estes causam uma “distorção de competição” (Art.11 3 TFEU, Protocol 27 on the Internal Market and Competition). Estamos a falar, por exemplo, de taxação sobre lucros empresariais.

“Secret plan for Euro income tax”.

A entrar agora com a depressão económica.

Tratado de Lisboa – Política comum de Negócios Estrangeiros.

MNE Europeu, com o seu próprio ministro e o seu próprio corpo diplomático. Bem como as suas próprias embaixadas (EU commission 'embassies' granted new powers – EU trains a new diplomatic corps - without waiting for Lisbon Treaty).

Tratado de Lisboa – Estrutura militar e de segurança.

Política comum de segurança e defesa.

Aumento progressivo de capacidades militares. O Art.42.3 TEU (Treaty on European Union, como emendado por Lisboa) requer que os estados-membro «*progressively to improve their military capabilities*» sob a coordenação da Agência Europeia de Defesa (European Defence Agency), e assistam outros estados-membro sob ataque armado «*by all the means in their power*» (Art.42.7 TEU).

NE, segurança e defesa sob políticas comuns. No Tratado de Lisboa, o Title 1, Article 2A section 4 declara que «*The union shall have competence to define and implement a*

common foreign and security policy, including the progressive framing of a common defence policy».

Sarkozy e Cameron advogam militarização da UE. Na sua autobiografia, Nicolas Sarkozy falou do seu desejo «*to see more EU member states participate, because European defence policy is a matter for all of us*».

Mais acção em África e no próprio continente europeu.

Isto claro expressa-se no Eurocorps.

“Now all of our Armed Forces are on offer as part of an EU 'catalogue'.

Ministério da Segurança Interna Europeu. Para fundir todos os outros (EU embryonic Home Office set up in secret talks under Lisbon Treaty).

Europol, polícia europeia, acima da lei nacional.

Serviços secretos europeus.

UNIÃO MEDITERRÂNICA.

União para o Mediterrâneo. Union for the Mediterranean, UfM.

Estabelecida a 13 Julho de 2008 na Cimeira de Paris.

Relançamento do Processo de Barcelona, para uma Euro-Mediterranean Partnership.

Continuação do processo para uma Euro-Mediterranean Economic Area. A ideia do Euro-Maghreb, onde já havia acordos bilaterais, EU-Tunísia (1995) e EU-Marrocos (1996).

"Towards a Euro-Mediterranean Economic Area - European Voice".

União para o Mediterrâneo – Estados participantes.

43 países da Europa e da Bacia Mediterrânica. Ou, Mediterranean Basin.

27 estados-membro da UE.

Mónaco.

Cinco países do Norte de África. Algeria, Egypt, Mauritania, Morocco, Tunisia.

Quatro países dos Balcãs. Albania, Bosnia and Herzegovina, Croatia, Montenegro

Seis países do Médio Oriente. Israel, Jordan, Lebanon, the Palestinian Authority, Turkey, League of Arab States.

Síria e Líbia como excepções. Syria (self-suspended on 22 June 2011), Líbia como estado observador.

União para o Mediterrâneo – Áreas de acção.

Finança internacional.

Economia e Comércio.

Política e Segurança.

Justiça e Assuntos Internos.

Sócio-cultural.

Transportes.

Ambiente.

Energia.

UE – Regionalismo, Localismo, Euro-Regiões.

Regionalismo impõe autoridades regionais e locais – NUTS III, LAU.

Single European Act lança as bases para regionalismo. Estas entidades foram um requisito após o Single European Act [Acto Único Europeu] que, especificamente, previa o financiamento de unidades regionais.

Regionalismo torna-se ponto central com Delors. Regionalismo torna-se ponto central na agenda europeia através da regulação "Framework Regulation" 2052/88, instituída por Jacques Delors, durante o seu período como Presidente da Comissão Europeia. A regulação em causa prevê o estabelecimento de «*regional and local authorities*», distribuídas ao nível NUTS III [Council Regulation (EEC) No. 2052/88, of June 24, 1988].

Sob regulação Delors, autoridades regionais lidam directamente com Bruxelas. A regulação Delors tornou legal para todos os estados-membro europeus que as autoridades regionais lidassem directamente com Bruxelas em toda uma variedade de assuntos sem consultação ou cooperação com os parlamentos nacionais.

Maastricht e Amsterdão extendem papel das autoridades regionais. Os Tratados de Amsterdão e Maastricht até deram às autoridades regionais um papel consultivo para todas as legislações, regulações e directivas europeias.

A um nível abaixo de NUTS III, existem "Unidades Administrativas Locais". A um nível mais detalhado, existem distritos e municipalidades, chamados de «*Local Administrative Units (LAU)*».

Medidas estruturais colocam regiões sob gestão europeia.

Regular regiões com medidas estruturais, contornando parlamentos nacionais (NUTS2). Isto é um modo rápido de despachar regulação sobre os povos da Europa sem o filtro dos parlamentos nacionais.

Europa torna-se fonte de regulações, fundos e programas de reestruturação regional. Depois, estas autoridades regionais passaram a estar sujeitas a medidas estruturais, através do controlo e atribuição de fundos estruturais, projectos europeus, reestruturação em todos os domínios da economia. Os governos regionais podem agora competir por fundos europeus, independentemente dos respectivos parlamentos nacionais. Ao mesmo tempo, regulações europeias tornam-se instantaneamente lei nestas regiões.

Regulações permitem contornar parlamentos nacionais. A UE contornou os parlamentos nacionais através deste processo, em que regulações tornam-se instantaneamente leis nos estados-membro europeus sem escrutínio parlamentar.

Lei europeia toma precedência sobre leis do estado-nação. Também o fez através do princípio de que a lei europeia toma precedência sobre a lei dos estados-membro.

Coordenação e comando por Bruxelas. Estas regiões são coordenadas por, e respondem directamente a Bruxelas.

Trabalho regional passa a ser feito com entidades europeias. Agências, institutos, etc.

Autoridades regionais e locais são unidades administrativas europeias. Com a responsabilidade de implementar política Europeia.

Fim de soberania nacional.

Regionalismo é um golpe de estado consentido e encorajado. Sob quaisquer outras circunstâncias isto seria considerado um golpe de estado, mas foi feito de modo pacífico e institucional, e foi aprovado pelos governos nacionais.

Vida comercial e económica passa a ser regulada por Europa.

Novas lealdades, financeiramente e institucionalmente guiadas. Isto não só castra a soberania nacional, como estabelece novas lealdades financeiramente guiadas que se sobrepõem a questões de patriotismo ou fidelidade nacional.

Pequenas oligarquias locais, Monnet e auto-interesse. Isto inclui pequenas oligarquias locais, que cresceram à volta destes projectos e são, portanto, os melhores aliados da "Europa". Isto é o que Monnet teria descrito como estimular crescimento europeu através da promoção do auto-interesse.

Regionalismo leva Europa de volta ao Império Germânico.

Centenas de regiões artificiais substituem províncias tradicionais. Centenas de regiões artificiais substituíram as províncias tradicionais em toda uma variedade de questões políticas.

UE com o aspecto administrativo do antigo Império Romano-Germânico. Europa torna-se um espaço administrativamente semelhante ao Sacro-Império Romano Germânico.

O distrito federal de Bruxelas.

Distrito federal tanto como D.C. Bruxelas será transformada num distrito federal, independente da Bélgica. Tanto como o District of Columbia é independente da União Norte-Americana.

O estado-nação é prensado entre três forças.

Internacionalismo, a partir de cima.

Regionalismo, a partir de baixo.

Privatização e desmantelamento.

Estado-nação abdica sistematicamente de poderes, em prol destas forças.

Estas forças operam como uma unidade.

Exemplo da taxação. Até a taxação, que é uma das poucas utilidades que ainda resta ao estado nacional, será transferida para a autoridade local, a unidade comunitária, e servirá para pagar serviços privatizados e impostos continentais.

"Territorial Agenda of the EU": Acabar com fronteiras nacionais, regionalizar. Com dois documentos.

Facilitar integração territorial trans-Europeia, i.e., acabar com fronteiras nacionais. Nas vésperas do «*future Constitutional Treaty of the EU», «A further task for the EU is to facilitate trans-European territorial integration*».

Estandardizar transportes, energia, novas tecnologias, políticas de água, cultura, ambiente. «*trans-European transport, energy and ICT networks, transnational water networks, maritime links, urban networking, cultural resources and the NATURA 2000 areas*».

EU Working Paper: "*The Territorial State and Perspectives of the European Union*", 24 October 2006.

Europa partida em regiões diversas e clusters de organização. O documento seguinte diz-nos que o propósito é o de ter uma «*Europe*» partida em «*diverse regions*», organizada em «*trans-European clusters of competitive and innovative activities*» e, com esse fim em mente, «*urban areas and regions are encouraged to strengthen their international identity*».

Governos nacionais ordenados a executar estas políticas. Depois, é ordenado aos governos nacionais que «*Territorial priorities and territorial cohesion aspects, being agreed upon at the EU level, are to be integrated in national sector policies*». É claro que os governos nacionais aceitam sem questionar, como acontece com todas as outras políticas de desmantelamento nacional.

EU Working Paper: *"Territorial Agenda of the EU 2007-2010"*, 18 September 2006

Regionalismo (UE) – ESDP, 1999 – Global Integration Zones, etc. ++.

ESDP, 1999. Informal Council of Ministers of Spatial Planning of European Commission, Potsdam, 1999.

Agenda 21 para a Europa.

Abordagem totalitária. Abrange todos os níveis de administração com responsabilidade em planeamento e segue uma abordagem integrada. Ou seja, olha para todos os sectores de planeamento como interconectados.

Algumas áreas de aplicação. Agricultura, ambiente, desenvolvimento tecnológico, finança, economia, organização espacial, infraestrutura, conhecimento, cultura, parques naturais, água, energia, população, transportes, comunicações.

Política Agrícola Comum. Definir quem fica com o quê, na partição em regiões.

Global Integration Zones, megacidades. Regionalismo urbano, megacidades. A "Megalopolis" e as "Global Integration Zones".

Trans-European Networks. Integração de comunicações e transportes.

ERDF, Fundos Estruturais. Financiamento para regionalização através de fundos Estruturais, com destaque para o European Regional Development Fund (ERDF).

PPPs. O programa consagra o princípio das PPPs.

"ESDP: European Spatial Development Perspective – Towards Balanced and Sustainable Development of the Territory of the European Union". Agreed at the Informal Council of Ministers responsible for Spatial Planning in Potsdam, May 1999. Prepared by the Committee on Spatial Development. Published by the European Commission.

Parcerias com "sociedade civil".

Estas coisas são avançadas em parceria com bancos, fundações ONGs, associações locais.

Legiões de futuros komissars comunitários. Por conta destes projectos, existem legiões de pessoas a levar vidas bastante confortáveis, enquanto se preparam para ser os próximos "komissars" das suas pequenas "comunidades".

UE – EURO-REGIÕES.

O INTERREG tem três "strands".

Interreg A: Cooperação transfronteiriça. Entre regiões adjacentes, visa homogeneizar estas regiões a pouco e pouco. «*Strand A: cross-border cooperation… between adjacent regions… The term cross-border region is often used to refer to the resulting entities*».

Interreg B: Cooperação transnacional. «*Transnational cooperation involving national, regional and local authorities aim to promote better integration within the Union through the formation of large groups of European regions…*»

Interreg C: Cooperação interregional.

Existem 13 programas Interreg IVB. «*There are 13 Interreg IVB programmes*»

O INTERREG III incluía 3 grupos de euro-regiões. Western Mediterranean, Alpine Space, South-West Europe, North-West Europe, North Sea Region, Baltic Sea Region, Northern Periphery, CADSES (Central, Adriatic, Danubian and South-East Europe), "Archimed", (Archipelago Mediterraneo, South-eastern Mediterranean area), Atlantic Area and Outermost Regions.

European Territorial Cooperation Objective – 13 Euro-Regiões.

Antes era INTERREG Community Initiative.

Actuais euro-regiões correspondem a anterior INTERREG IVB.

Euro-regiões com biliões de euros de investimento anual europeu, em era de suposta crise.

Financiamento assegurado pelo European Regional Development Fund (ERDF).

Financiamento assegurado por governos nacionais.

Euro-regiões são embriões de regiões federais, unidades administrativas federais.

13 programas, ou euro-regiões. Através de European Territorial Cooperation programmes (ETCP). Estas euro-regiões são:

Alpine Space -- Central Europe -- Atlantic Coast -- Northern Periphery -- North West Europe -- South East Europe -- North Sea – Mediterranean -- South West Europe -- Baltic Sea – Macaronesia -- Caribbean Area -- Indian Ocean Area

Baralhar e voltar a dar – essa é a essência deste programa.

Artigos sobre euro-regiões.

EU wipes England off the map - as Gordon Brown flies the flag of St George over Downing Street - Mail Online

New EU map makes Kent part of same 'nation' as France – Telegraph

New map of Britain that makes Kent part of France

Britain Divided into Trans-National Regions – European Parliament's New Map of Britain-Dividing the Cake

Autoridades euro-regionais, com orçamentos e domínios próprios. Estas regiões têm os seus próprios orçamentos e têm autoridade sobre os mais variados domínios da vida.

Comércio, cultura e educação, transportes, turismo, ambiente, gestão de informação, etc.

“Harmonização” de nomes geográficos, de unidades administrativas e de mapas.

As suas próprias autoridades de gestão e até assembleias regionais. Como a “Arc Manche Regional Assembly”. Secretariados permanentes e equipas técnicas e administrativas com financiamento assegurado.

Regionalismo e localismo no futuro.

À medida que transição avançar, doutrinação para “a nova realidade global”.

Novas gerações já são doutrinadas para a nova realidade – vida comunitária, continental e global, onde são austeros e “partilham tudo com o mundo”.

Comunidade local – Região federal – Agência continental – Agência global.

Cada comunidade será dominada por conselhos internacionais de gestão.

Todo este circuito é privatizado.

A UE será tão unida como a URSS era antes.

População pobre, policiada, existe para trabalhar em prol de oligarcas internacionais e apparatchiks políticos.

UE (ideologia): Corporatismo, Neo-liberalismo, Sustentabilidade

Corporatismo é equivalente a Fascismo Corporativo.

UE impõe uma ideologia: corporatismo e neo-liberalismo. A UE adopta e impõe uma ideologia económica como praxis tecnocrática. Não existe debate ou contestação. Essa ideologia está inscrita em todo os programas de acção da União e é neo-liberalismo, i.e. corporatismo, i.e. neo-feudalismo.

Feudalismo é um sistema **público-privado**, organizado por concessões. Sob feudalismo, não existe uma distinção entre domínios público e privado. A soberania é exercida por entidades privatizadas, dotadas do poder coercivo e regulatório do estado. A exploração de qualquer domínio corporativizado da economia ou da sociedade não é deixada a livre competição; é feita por meio de *concessão*. Isto significa que a estrutura governamental, público-privada, atribui os direitos de controlo e regulação de cada sector (ou *franchise*, ou concessão) a uma corporação nomeada para esse efeito, igualmente público-privada.

Sociedade organizada em *corpores*, que detém poder para-estatal, regulatório, coercivo. Por sua vez, essa corporação atribui, a diferentes agentes de mercado, licenças e concessões de operação no sector. Essa corporação é um *corpore*, um todo organizado que assume pleno controlo, integrado e unitário, sobre o seu respectivo sector. A corporação é, claro, dotada de poder para-estatal, regulatório e coercivo (parte da concessão original). Sob um sistema (neo-)feudalista, todos os domínios da economia e da sociedade são tendencialmente corporativizados. Portanto, o exercício de uma profissão é controlado e regulado pelo *corpore* dessa profissão, pela sua corporação "legal" (ordem, corporação profissional), e ninguém pode exercer essa profissão sem estar integrado nesse *corpore* e ser, por ele, autorizado a operar. Da mesma forma, alguém que pretenda explorar recursos naturais ou montar uma indústria não o pode fazer por meio de competição livre e descentralizada. Precisa de obter uma concessão (ou licença, ou direito de *franchise*) da corporação público-privada que regula o sector respectivo (e.g. confederação industrial). O sector é partido em diferentes porções, ou quotas, que são atribuídas em concessões.

A integração no *corpore* é compulsiva. Todos os agentes (pessoas, companhias, etc.) que são concessionados por uma corporação têm de estar integrados n

Sistema concessionário leva a consolidação: cartéis, monopólios. Pela sua própria natureza integrativa, este tipo de organização de mercado encoraja a generalização do sistema de parcerias ao longo do sector, e com outros sectores. Isto é, uma grande família feliz. O percurso óbvio e historicamente normativo neste tipo de sistema é a

concentração e consolidação de cada sector num número progressivamente menor de mãos. Isto é expresso na forma de cartéis e de monopólios.

Corporatismo é Fascismo; as brigadas, perseguições e limpezas seguem-se. O sistema feudalista, ou neo-feudalista, ou Corporatista, é mais aptamente conhecido como sistema Fascista; todos os pontos da explicação anterior contêm a essência daquilo que define o Estado Fascista Corporativo da Europa dos anos 20 e 30. O nihilismo ideológico, as brigadas de jovens desempregados, as limpezas de grupos étnicos e ideológicos, são os produtos óbvios de um sistema que é ele próprio violento e autoritário, alicerçado em unitarismo, comunitarismo, regimentação sócio-económica.

Neo-liberalismo ("free trade") é o formato económico de Corporatismo.

Neo-liberalismo, free trade, mercantilismo. Neo-liberalismo ("free trade", mercantilismo) é a implicação económica da ideologia Corporativista.

Sistema público-privado de concessões e alocações. Sob neo-liberalismo, não existe real mercado livre capitalista, onde todos os agentes competem entre si sob um quadro regulatório equidistante e universalista. A expressão "free trade" é uma demonstração típica de *doublespeak*. O que existe sob "free trade" é um sistema concessionário, que funciona do modo descrito atrás. Sob "free trade", uma entidade qualquer comercial, ou mercantil, é concessionada para operar uma quota de exploração (alocação/concessão/*franchise*) num qualquer domínio da economia. A concessão é atribuída pela corporação público-privada que regula o sector em causa e que, por sua vez, é concessionada para operar pela entidade soberana dessa economia, que será uma "free trade area". Ou seja, um parlamento ou uma comissão central de governo concessionam uma organização A (sob o sistema UE, isto é um instituto público-privado) para organizar esse sector económico e essa organização A concessiona a organização B (empresa, consórcio) para operar uma concessão nesse sector. A concessão pode ir de uma quota minoritária no sector até um monopólio de exploração. É geralmente acompanhada de uma série de subconcessões, como sejam isenções fiscais ou outros estatutos de excepção. Só as organizações que são concessionadas para operar podem *efectivamente fazê-lo*. Todas as outras serão processadas e fechadas pela corporação reguladora.

Neo-liberalismo é o oposto exacto de capitalismo de mercado livre – *doublespeak*. Isto é o exacto oposto de capitalismo de mercado livre, que se baseia em competição aberta e universal entre quaisquer agentes que pretendam entrar no mercado. O termo "free trade" é "válido" apenas na medida em que um sistema "free trade" visa maximizar a liberdade das *partes concessionadas*, por exclusão das partes que não são concessionadas. O termo *neoliberalismo*, sucedâneo exacto do *liberalismo económico inglês*, segue esta lógica de *doublespeak*. Qualquer um dos dois é mercantilismo, a filosofia económica do império colonial e a negação do *liberalismo* económico que estava a surgir com capitalismo de mercado livre. Pega-se num termo, usa-se esse termo

como rótulo para passar a definir o exacto oposto daquilo que define, de forma a tentar neutralizar, suprimir, o significado original.

Capitalistas de mercado livre apanhados entre mercantilismo de direita e de esquerda. É através deste jogo de doublespeak que capitalistas de mercado livre podem ser induzidos a trabalhar em prol dos seus inimigos à direita, os mercantilistas (neo-liberais) que pretendem oferecer-lhes protecção do outro grupo de mercantilistas, à esquerda. O primeiro grupo pretende construir um mundo à imagem e semelhança do Império Britânico, o *benchmark* global de mercantilismo. O segundo grupo prefere o modelo da CMEA, a grande área mercantil do Império Soviético durante a Guerra Fria. Os dois modelos são similares, com meras diferenças de pormenor. O mercantilismo público-privado e multinacional de direita usa a retórica e a imagética do “mercado livre”. O mercantilismo público-privado de esquerda usa a retórica e a imagética da “solidariedade proletária”. Ambos agem da mesma forma e ambos se baseiam em lei mercantil, ou concessionária. A solução é, claro, rejeitar ambas as formas de degeneração autoritária, imperial e colonial.

Mercantilismo é sempre transnacional, como nos velhos tempos coloniais. “Free trade” também é chamado enganadoramente “free” por outro motivo: uma “free trade area” é sempre transnacional, com o movimento irrestrito de bens, capital e trabalho ao longo dos territórios aí incluídos. Afinal, “free trade” é o velho sistema mercantilista, que ascende dos velhos impérios coloniais/mercantis europeus. A companhia mercantil (multinacional) recebe uma carta de concessão da figura de soberania imperial (e.g. sistema UE) para conduzir comércio entre os vários territórios coloniais (espaços compreendidos pela “free trade area”). Os nativos não têm direito a qualquer forma de privilégio por o serem; a companhia mercantil do rei recebe os privilégios.

Capitalismo de mercado livre ***protege*** nativos nacionais contra mercantilismo colonial.

Modelo ascende com estado-nação Renascentista. O modelo de capitalismo de mercado livre ascende com o estado-nação renascentista e inverte estas proposições. Sob capitalismo de mercado livre, os protagonistas da economia são os nativos. São estes que recebem toda a protecção, e não a companhia mercantil de um qualquer rei, ou imperador.

Protecções tarifárias. A companhia mercantil tem de pagar para usufruir do privilégio de operar no território dos nativos. Isso é feito por meio do sistema de tarifas. Esse dinheiro é depois usado como colecta fiscal para investimento na economia interna.

Regulação equidistante, imparcial, favorecendo descentralização, PMEs. Um real capitalismo de mercado livre funcionará sob um modelo regulatório equidistante e imparcial, por forma a favorecer a igualdade de oportunidades sem a qual o mercado deixaria de ser *livre*. Como tal, será tendencialmente uma economia descentralizada, alicerçada em pequenos e médios empreendimentos. Será, portanto, uma economia alicerçada em classe média.

“Free trade”: consolidação de cartéis e monopólios, corrida para o fundo. Pelo contrário, um sistema concessionário, “free trade”, é um sistema de quotas e privilégios, funcionando em cartel (concertação corporativa dos concessionados) ou, até, em monopólio. Por esse mesmo facto, favorece a ascensão e a consolidação de grandes interesses comerciais, ou mercantis; as actuais companhias multinacionais. Quando um mercado é dominado por um único agente, ou por um conjunto muito limitado de agentes, o que acontece é a inevitável estagnação do sector, acompanhada de práticas autoritárias de mercado. Os concessionados são livres para levar a cabo a historicamente normativa *corrida para o fundo*. Os custos de produção são reduzidos ao mínimo, com sequelas de igual sentido sobre salários, condições laborais, qualidade dos produtos e, claro, quantidade de produtos (o cartel ou monopólio gera sempre *escassez artificial* por forma a poder estabilizar ou aumentar preços).

Sustentabilidade é o fall-out da implementação de mercantilismo.

Devolução sócio-económica e despotismo económico, político – ***Sustentabilidade***. O nível de vida em qualquer “free trade area” (dos velhos impérios mercantis às actuais FTA) é rapidamente reduzido ao mínimo que é *sustentável* para a continuidade do sistema económico consolidado. Pobreza, devolução social, conflito, falta de oportunidades, são os resultados inevitáveis. Direitos políticos são perdidos, à medida que as estruturas governativas se tornam mais autoritárias, para suster o efeito de *blowback*. A *sustentabilidade* do mercado alicerça-se sobre esse processo geral de consolidação, acompanhado de escassez artificial de produção, e de emiseramento, austeridade, devolução social. Como tal, o sistema concessionário, e a sua sequela económica, “free trade”, não se limitam a destruir a liberdade do mercado; destroem também a liberdade política e o nível de vida dos cidadãos.

“Desenvolvimento sustentável”, a nova economia mercantil/colonial. É claro que “desenvolvimento sustentável” é a economia público-privada consagrada pela UE. Nessa qualidade, é o oposto exacto daquilo que é significado por *desenvolvimento*. Desenvolvimento sustentável é baseado em: consolidação de mercado (sob cartéis e monopólios); imposição de escassez artificial; rejeição de capitalismo de mercado livre e da universalização das classes médias; redistribuição de riqueza existente por oposição a geração de mais riqueza; despotismo económico e autoritarismo sócio-político; imposição de atraso tecnológico; emiseramento contínuo da população.

Social market economy, a economia comunitária das novas plantações. O mercado social, a “social market economy” é aquilo que ascende de tudo isto, a nova economia comunitária de sharecroppers, baseada em redistribuição de recursos “comunitários” (racionamento) e “trabalho social” (i.e., trabalho comunitário forçado, remunerado por meio de “créditos sociais”). Não existe diferença conceptual real entre isto e a comuna de servos ou a plantação de escravos do império mercantil.

Mercantilismo/colonialismo – Free trade e sustentabilidade/neo-colonialismo. Na prática, mercantilismo está para colonialismo como free trade e sustentabilidade estão para neo-colonialismo.

Sector público torna-se público-privado, transnacional e comunitário.

Domínio "público" torna-se público-privado. Todos os serviços e domínios públicos são "liberalizados" i.e., privatizados em maior ou menor grau. O que isto significa é que estes estatutos não são banidos, mas são inteiramente desnaturados, deixando de ter qualquer tipo de validade ou correspondência com o mundo real.

PPP: Privatização sob consórcios dotados do poder coercivo do estado comunitarista. Todas as coisas que antes estavam no domínio público (empreendimentos, infraestruturas, espaços, éter, água, etc.) são agora entendidas como "recursos comunitários", a ser concessionados, colocados sob a "gestão" (controlo) de parcerias público-privadas (i.e. consórcios privados dotados do poder do estado).

Serviços "públicos" tornam-se público-privados, transnacionais, comunitários. O mesmo acontece com os serviços públicos *per se*. Ao mesmo tempo que são tornados público-privados, deixam de poder envolver-se em qualquer actividade que vise favorecer o estado-nação enquanto tal (em verdade, o estado-nação deixa de existir), por exclusão de todo e qualquer outro elemento. Todas as actividades que são conduzidas, todas as decisões que são tomadas, têm de o ser em concertação com parceiros transnacionais e público-privadas. A filosofia é comunitária: mesas redondas, consenso entre *fascii* (os diversos shareholders e stakeholders), exercida numa óptica de local ao continental.

Programas de forma(ta)ção para função e administração pública. Existem programas de formação e intercâmbios para a função e para a administração pública, centrados na temática da aplicação de regulação europeia: na prática, ensinar funcionários e administração pública a pensar e a funcionar de acordo com o programa.

Administração público-privada, mistura entre administração colonial e quinta coluna. Se todos pensarem da mesma forma, se todos abraçarem o novo sistema de parcerias público-privadas e *total quality management*, se todos encararem a UE como a fonte original de virtude burocrática à face da Terra, o que surge é uma integração informal, porém eficiente, da administração civil, onde a administração pública de cada estado-nação funciona como uma mistura entre um destacamento colonial e uma quinta coluna em prol desta potência estrangeira, UE.

A corrida para o fundo em todos os sectores da economia europeia.

UE conduz destruição de sectores primário e secundário na Europa ocidental. Ao longo das últimas décadas, a UE conduz a campanha para a desindustrialização e para o de-desenvolvimento da Europa Ocidental, simultânea com a financialização patológica das economias. Ao mesmo tempo, organiza instituições para fazerem um *pool* comum dessas financializações. Esse processo serve de placebo à perda efectiva da generalidade dos sectores primário e secundário.

Agora, está a fazer o mesmo no sector terciário, serviços. A Europa fica essencialmente limitada a um sector terciário, serviços, que agora corresponde a cerca de dois terços da actividade económica ao longo da Europa ocidental. Agora, a UE está também a conduzir a harmonização legal deste sector, ao longo de todo o espaço territorial europeu. Isto é essencial para a corrida para o fundo também nesse sector, com a generalização estandardizada de estatutos de consolidação e com a redução contínua de critérios regulatórios (e.g. no domínio laboral).

A UE e o princípio concessionário de "subsidiariedade".

"Poder legislativo e decisório concessionado top-down, ao longo da escala". Existe o princípio de subsidiariedade, pelo qual se define que o poder legislativo e decisório deve, de preferência, ser exercido pelos órgãos que estão mais próximos da realidade concreta, i.e. órgãos superiores (mais gerais) não devem fazer coisas que são melhor feitas por órgãos inferiores (mais localizados). Ou seja, lei concessionária, pela qual um órgão pode optar por "ceder" exercícios de poder, como privilégio, concessão, a um dependente.

Arbitrariedade legal concessionária, similar a lei feudal e imperial. É apenas mais uma das consequências da arbitrariedade legal da UE. Não existem poderes delimitados. Todo o poder pertence ao soberano, UE, que pode, porém, ser "magnânimo" (como um imperador germânico da Idade Média) e ceder poder decisório às diferentes guildas e baronias ao longo da escala.

Aparato UE tem sempre primazia soberana, estado-nação é colocado nas linhas. Sob esta "partilha", a EU tem sempre primazia soberana, constitucional, que distribui ao longo da escala das instituições público-privadas que compõem o aparato de governância da "Europa", do local ao continental. Os estados-nação (governos e parlamentos nacionais) são deixados com meros poderes residuais, provisoriamente cedidos pelo soberano.

UE – Free trade, sistema PPP e a "social market economy" (citações).

"Free trade imposto como modelo europeu".

“UE acaba com domínio público, exige que se torne público-privado e transnacional”. «*Laissez-faire and economic competition based on the unimpeded movement of goods, capital and labour throughout the 25 EU countries, are laid down as the constitutionally mandatory mode of maximizing welfare in the new European Union…Yet the central reason why people wish to have their own government in the first place, is precisely so that it may discriminate in their favour, advance the interests of its own citizens, firms and economic actors, and take their special needs and problems into account. Although the Constitution does not forbid public enterprise as such, it forbids the use of such enterprises for national planning purposes, for the establishment and enforcement of social priorities, or for anything that involves national discrimination. The… EU… decide[s] what counts as a public service and what are the boundaries between public and private provision, which could affect health, education and cultural services…*»

“Open market economy, efficient allocation of resources” [distributismo free trade]. «*The Member States and the Union shall act in accordance with the principle of an open market economy with free competition, favouring an efficient allocation of resources...*»

Sustentabilidade é “social market economy”.

[Comunitarismo, trabalho comunitário, escassez artificial, austeridade forçada].

«*For instance, Title 1 includes a statement of objectives which would be better suited to a party manifesto than to a constitutional document. Article I-3 reads: “The Union shall work for the sustainable development of Europe based on balanced economic growth and price stability, a highly competitive social market economy, aiming at full employment and social progress, and a high level of protection and improvement of the quality of the environment. It shall promote scientific and technological advance.”*» [“WHAT THE EU CONSTITUTION DOES: A 14-POINT CRITICAL SUMMARY”, The National Platform EU Research and Information Centre, Dublin, Ireland; affiliated to the European Alliance of EU-critical Movements (TEAM), March 2005]

UE – Citações extra

De Gaulle, rejeita CE e PE com poderes supranacionais (1966).

De Gaulle, sobre CE autónoma: "Aerópago tecnocrático responsável perante ninguém".

Debate na altura: autonomizar CE e PE, dar-lhes poder supranacional.

De Gaulle está contra qualquer uma destas coisas, era um *eurocéptico*.

«*The Hallstein Commission wanted its own budget funded by revenue collected supra-nationally. Supervision of this budget would have made the European Assembly in Strasbourg a parliament that was above the sovereignty of the individual States. General de Gaulle was not for the moment in favour of supra-nationality. In his press conference of September 1965, he made this clear: [Charles de Gaulle] 'The European federation would be ruled by an areopagus of technocrats without a country, responsible to nobody. And it is also well known that France is setting against this plan – which truly seems to go beyond the bounds of reality – a plan for organised cooperation between States.'*» [Bâtir l'Europe (Marché commun) - Pathé Journal & R.C. [Prod.], Janvier 1966. Pathé Archives, Saint-Ouen (Translation Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe, CVCE, 2012)]

Referendo – "Yes or Yes".

Dehaene (2004), "Se o voto for Não, tem de ser refeito, porque tem de dar Sim". Jean-Luc Dehaene, Former Belgian Prime Minister and Vice-President of the EU Convention, *The Irish Times* (2 June 2004): «*We know that nine out of ten people will not have read the Constitution and will vote on the basis of what politicians and journalists say. More than that, if the answer is No, the vote will probably have to be done again, because it absolutely has to be Yes*»

D'Estaing (2005): "It is not possible for anyone to understand the full text". Em Junho de 2005, Giscard d'Estaing afirma que tinha avisado Chirac para não submeter a Constituição a referendo em França: «*I said, 'Don't do it, don't do it'…It is not possible for anyone to understand the full text*» ["Giscard regrets constitution sent to French people", Lisbeth Kirk, EU Observer, 15.06.05]

Uma Constituição para um único Estado Europeu.

Joschka Fischer (1998): “A single European State, one European Constitution”. «*Creating a single European State bound by one European Constitution is the decisive task of our time*» [German Foreign Minister Joschka Fischer, Daily Telegraph, 27-12-1998, *cit. in* The Bruges Group (http://www.brugesgroup.com/mediacentre/quotes.live)]

Verhofstadt (2004): Constituição, “capstone of a European Federal State”. «*The Constitution is the capstone of a European Federal State*», Guy Verhofstadt, Belgian Prime Minister, Financial Times, 21-6-2004

Hans Bury (2005): Constituição, certificado de nascimento dos US of Europe. Ministro alemão para a Europa, Hans Martin Bury (SPD), chama à Constituição europeia «*…birth certificate of a new United States of Europe*», Die Welt, 25-2-2005

Amato (2000): “Act as if, to get what you want – EC, new government of Europe”. «*In Europe one needs to act ‘as if’ – as if what was wanted was little, in order to obtain much, as if States were to remain sovereign to convince them to concede sovereignty. The Commission in Brussels, for example, should act as if it were a technical instrument, in order to be able to be treated as a government. And so on by disguise and subterfuge*» [Giuliano Amato, Italian Prime Minister and later Vice-President of the EU Convention which drafted the Constitution, interview with Barbara Spinelli, La Stampa, 13-7-2000]

Gisela Stuart (2003): Convenção, grupo auto-selecto que não tolera dissensão. «*The Convention brought together a self-selected group of the European political elite, many of whom have their eyes on a career at a European level, which is dependent on more and more integration and who see national governments and national parliaments as an obstacle. Not once in the sixteen months I spent on the Convention did representatives question whether deeper integration is what the people of Europe want, whether it serves their best interests or whether it provides the best basis for a sustainable structure for an expanding Union. The debates focused solely on where we could do more at European Union level. None of the existing policies were questioned… Consensus was achieved among those who were deemed to matter and those deemed to matter made it plain that the rest would not be allowed to wreck the fragile agreement struck*» [Gisela Stuart (2003), “The Making of Europe's Constitution”, Fabian Society. --- Gisela Stuart MP, British Labour Party representative on the EU Convention and member of its Praesidium which drafted the Constitution]

UE – Corporatismo (citações)

“A Europe of merchants and lobbyists”.

Bruno Waterfield: Eurocracia, uma tecnocracia autoritária e secretista.

Governo público/privado, i.e. fascismo.

Governo público/privado, i.e. fascismo (2).

[Francisco Seoane Pérez & Juliet Lodge (2011). “Distant and apolitical? A comparative study of the domesticisation and politicisation of the EU in Yorkshire (UK) and Galicia (Spain)”, Paper to be presented at the Euroacademia conference “The European Union and the Politicization of Europe”, to be held in Vienna on 8-10 December 2011]

“A Europe of merchants and lobbyists”.

“A Europe of merchants… Brussels, a city of lobbyists, you go there to do lobbying”.

«*This Europe is a Europe of merchants… Brussels is essentially a city of lobbyists. You just go to Brussels to do lobbying*» [Canned Fished Industries Association director (Vigo, 10 December 2009)]

Bruno Waterfield: Eurocracia, uma tecnocracia autoritária e secretista.

“UE, tecnocrática, managerial, burocrática, secretiva”.

“Eurocratas não são eleitos e não gostam de visibilidade pública”.

“Brussels is the place they run, it’s their place”.

«*Europe is a way of government that all of Europe’s leaders share (…) I always argue the EU is a way of doing politics in a very bureaucratic, very secretive way (…) National referendums on the EU express a general European uneasiness, perhaps, with the direction that politics has taken to this technocratic and managerial kind of form (…) Those kind of officials, those kind of civil servants, particularly the ones who have been in diplomacy, they are used to doing things, essentially, not in public. They are not elected, they’re not public people. Quite often they will exercise their political influence and role without ever been known, generally, by the public. And Brussels is the place that they run. It’s their place*» [Bruno Waterfield, The Daily Telegraph correspondent (Brussels, 20 May 2010)]

Governo público/privado, i.e. fascismo.

"OSCs, organizações de cartel perfeitamente integradas em Bruxelas".

"Colusão, concertação" (i.e. fascismo).

"European Commission… It was a very cozy and, in fact, sterile environment".

«*When I was in Brussels I found that civil society organisations were very much part of the system, I think. They became Brussels insiders, if you like. Business Europe, for example, this lobby group, essentially represents a sort of Germanic view of industry: the idea of workers' councils, and the idea of sitting down with trade union representatives and the European Commission… it was a very cozy, and in fact, sterile, environment. There was a consumer organisation called BEUC, who never, or at least it seemed to me, was particularly vocal in defending consumer interests, or promoting them. So it sounds good for civil society representatives to have an input, but I'm not sure how effective they were, and how willing they were to rock the boat*» [Former FT Brussels correspondent (London, 12 May 2009)]

Governo público/privado, i.e. fascismo (2).

"Parlamento Europeu com base associativa (i.e. lobbying corporativo) muito forte".

"Local administrations, interest groups, trade unions, professional organizations".

"What we lack now is a popular base".

«*The EU has very segmented publics. Local administrations, trade unions, professional organizations, interest groups... all these people follows EU activities closely. Therefore there are lots of publics who are concerned about the most strategic, the most symbolic, the most transcendent issues on a medium to long term. Those groups are involved in European politics and are very sensitive to any development, they react quickly. We the MEPs notice it immediately when one of us is named rapporteur or shadow on any topic. Immediately we begin to receive lots of messages, phone calls, appointment requests… But what we have have to reach the public at large. We are doing policies, but we also have to do politics. We already have an associative base around the parliament. What we lack is a popular base*» [Galician Socialist MEP (London, 16 June 2009)]

UE – Estandardização militar, policial, judicial

Militarização da Europa: Privatização e transnacionalização – ADE.

Política comum de defesa e segurança, fusão de aparatos militares. O Tratado Constitucional abre as portas à implementação de uma política comum de defesa e segurança. Isto implica a fusão de forças militares e paramilitares (incluindo forças policiais militarizadas).

Multinacionalização e privatização de aparatos militares (PPP). É claro que isto segue o modelo público/privado, já em vigor na generalidade dos aparatos militares, que são gradualmente colocados sob este modelo, com contratadores privados a ganhar uma importância progressivamente maior em questões de planeamento e logística e, em certos casos, nas próprias operações no terreno. Estas parcerias militares público/privadas são multinacionalizadas, i.e., sob gestão transnacional. Os seus diferentes destacamentos podem usar uma bandeira nacional (abaixo da bandeira imperial da UE), e cantar o hino nacional (em breve cantarão o hino europeu), mas não têm qualquer fidelidade real aos estados-nação dos quais são originados.

Agência de Defesa Europeia (ADE), a Reichswehr europeia. São lançadas as bases para uma ADE, uma forma de Pentágono, ou melhor ainda, de Reichswehr, para toda a Europa.

Acção desde "estados de emergência" até combate aberto. Acção em contextos que vão desde a lata mas esquiva "emergência civil" (que pode ser declarada por quase qualquer motivo e é um rótulo agradável para lei marcial, provisória ou permanente), até confronto aberto no campo de batalha.

Subgrupos regionais, Eurocorps.

Subgrupos regionais preparam caminho para forças armadas europeias. O Tratado Constitucional requer que todos os estados-membro participem na implementação desta política comum de defesa e segurança. Isto implica a contribuição activa em termos de tropas e meios logísticos, bem como o envolvimento em acções de segurança militarizada, definidas no contexto institucional europeu. Por enquanto ainda não existem forças armadas europeias, apesar de isso estar a ser preparado. O que já existe são passos regionais de preparação para essa integração maior. Isso é feito por meio da formação de subgrupos de integração, pelos quais vários estados-membro trabalham em conjunto nas mais variadas valências de operação militar.

Entidades como Eurocorps também preparam o caminho. É claro que também já existe o Eurocorps, o embrião de um exército europeu, e preparativos para o desenvolvimento das FA europeias num modelo de forças de reacção rápida.

Militarização da Europa: gradual, guiada por eventos e situações.

Militarização da Europa será gradual, conduzida por contextos e eventos. O processo será gradual e acompanhará um conjunto de eventos e contingências situacionais.

Perturbações internas e terrorismo (real ou auto-infligido). Perturbações internas, resultantes de situações de crise (sócio-económica, catástrofes); resposta a eventos terroristas (auto-infligidos ou *reais*) dentro de espaço europeu.

Acção imperial em África, Ásia Central – spillover para Med, Balcãs. A execução de tácticas ofensivas em África e, muito possivelmente, Ásia Central. Problemas estratégicos ao longo de todo o eixo mediterrânico e dos Balcãs, nas intersecções com o mundo islâmico.

Problemas com a Rússia. Isto começa com problemas "percebidos" com a Rússia que, eventualmente, escalarão para situações reais. Essas situações irão acontecendo gradualmente ao longo do tempo, em episódios como o do escudo nuclear no ex-Bloco de Leste, ou o confronto armados na Geórgia. Mas terão a tendência de se agravar, algo que, eventualmente, precederá a fusão de uma UE alargada a Leste com a Rússia (que, por essa altura, deverá ser algo situado entre a fronteira ocidental actual e os Urais). Um dos elementos definidores deverá ser a prossecução de conflitos civis e paramilitares ao longo das zonas de pipelines, ao longo de todo o espaço interno da CEI, incluindo a própria Rússia.

Multinacionalização da polícia – EUROPOL.

EUROPOL, um comissariado acima da lei. Europol, definida pelo Tratado de Lisboa como comissariado transnacional com autoridade para agir com, mas ***acima*** de qualquer força policial nacional. Os comissários Europol têm imunidade criminal em toda a União, o que inclui as próprias estruturas centrais do superestado. Isto é, um comissário Europol está isento de qualquer forma de responsabilização legal ou criminal pelas suas acções. Nem o KGB usufruía destes termos legais.

Multinacionalização das forças policiais. Coordenação e incremento de cooperação policial transnacional, o que inclui processos de formação e harmonização de procedimentos.

Estandardização de sistemas judiciais e criminais, sob modelo despótico.

Legislação transnacional europeia. Empoderamento da EU para criar definições comunitárias para ofensas criminais e sanções para crimes com uma dimensão transfronteiriça. Isto resulta na formulação de legislação europeia para governar o

reconhecimento mútuo de decisões judiciais relativas a crime transfronteiriço e a harmonização entre leis e regulações de estados-membros, relativas a questões policiais e judiciais com a mesma natureza transfronteiriça, o que inclui regras sobre a admissibilidade de provas, direitos individuais em processos criminais, e os direitos de vítimas de crime.

Julgamentos in absentia, deportações. É sob estes estatutos que surge a legislação europeia pela qual um cidadão de um estado-nação A pode ser acusado por um procurador de um estado-nação B por uma ofensa criminal relativa ao código legal desse estado B, julgado *in absentia* no estado B e, se condenado, deportado forçosamente para B, para cumprir pena lá.

Estandardização de legislações nacionais, procedimentos judiciais. Harmonização gradual de leis e procedimentos judiciais nacionais, reconhecimento mútuo de decisões judiciais e extra-judiciais.

Modelo continental: magistrados inquisitoriais, detenção preventiva. A estandardização gradual dos sistemas judiciais europeus segue o benchmark dado pelo modelo continental, que não conta com julgamento por júri, baseando-se apenas num sistema inquisitorial de magistrados (individuais ou por colectivos). Esse sistema permite detenção preventiva em vários países (modelo que, sob legislação anti-terrorismo, é suposto vir a ser generalizado).

Cooperação judicial transnacional (texto). O texto da Constituição europeia (que precede e origina o Tratado de Lisboa) definia os seguintes trâmites para questões de cooperação judicial transnacional.

«*JUDICIAL COOPERATION IN CIVIL LAW MATTERS HAVING CROSSBORDER IMPLICATIONS: European laws "shall establish measures, particularly when necessary for the proper functioning of the internal market, aimed at ensuring*

(a) the mutual recognition and enforcement between Member States of legal judgements and decisions in extrajudicial cases;

(b) the cross-border service of judicial and extrajudicial documents;

(c) the compatibility of the rules applicable in the Member States concerning conflict of laws and of jurisdiction;

(d) cooperation in the taking of evidence;

(e) effective access to justice;

(f) the elimination of obstacles to the proper functioning of civil proceedings, if necessary by promoting the compatibility of the rules on civil procedure applicable in the Member States;

(g) the development of alternative methods of dispute settlement;

(h) support for the training of the judiciary and judicial staff»

Direitos humanos (negação de) – O "novo paradigma de direitos humanos".

TEJ, autoridade suprema em questões de direitos humanos. Tribunal Europeu de Justiça assume autoridade máxima em questões de direitos humanos.

Poder sobre todas as áreas da sociedade; "direitos humanos" são ubíquos. Isto dá ao TEJ (e a todas as outras instituições europeias envolvidas em litigação de direitos humanos) poder significativo sobre virtualmente todas as áreas da sociedade, uma vez que, sob legislação europeia, quase todas as áreas são definidas como tendo dimensões de direitos humanos, e legalmente elaboradas com a linguagem dos direitos humanos.

Lei de direitos humanos da EU com supremacia sobre leis nacionais.

Tentativa de impor um único código pisa diversidade de códigos nacionais. «*There are significant national differences in some sensitive areas of human rights law, for example in relation to marriage and succession, drugs, religious dress and symbols in schools, the rights of parents in education, the right to life etc., which make it inappropriate for a supranational court like the ECJ to attempt to lay down a universally acceptable common standard of human rights, even in the wide policy areas covered by EU law… EU human rights law would override any contrary national law and would have direct effect in all areas of EU law*»

Tudo isto servirá o "**novo paradigma de direitos humanos**". A par da América do Norte, o espaço europeu é o berço da noção de direitos humanos. O grande desafio do déspota pós-moderno é destruir toda essa tradição, o resultado do esforço e do sofrimento de gerações, enquanto se persuade o público de que é tudo para o seu bem. Portanto, enquanto se extinguem liberdades e direitos políticos, essas liberdades e direitos são substituídos, na mente pública, por tópicos irrelevantes e inconsequentes, *single-issues*, que têm o benefício adicional de gerar balcanização e divisividade entre diferentes facções no público. É claro que todos esses *single issues* também serão negados, assim que o sistema em si estiver em plena moção e já não haja memória de liberdades políticas.

Substituição arbitrária de liberdades políticas por divisividade ONGista. É claro que tudo isto vai ser usado para promover o "novo paradigma de direitos humanos": i.e. rejeição arbitrária de direitos elementares e inalienáveis, e a sua substituição provisória pela redefinição ONGista de "direitos humanos" como temáticas politicamente irrelevantes e socialmente balcanizantes. Isto é, eventualmente uma pessoa poderá casar com um animal e comprar narcóticos à parceria público-privada responsável, mas poderá ser presa em segredo às 4am pela *task force* Europol, levada para paradeiro desconhecido, julgada *in absentia* por uma comissão militar, sob acusações de "extremismo", com a acusação a estar isenta do ónus de prova. Poderá depois ser deportada para um campo de "internamento e reabilitação", onde será condenada a

trabalho forçado e conversão psicossocial, sob estatutos Internment/Resettlement e JTF-GTMO, adoptados para o espaço jurídico europeu através da parceria transatlântica do Transatlantic Economic Council (TEC).

UE – Quebrar o gelo para União Fiscal, da UBS à Deutschland ao FT

UBS (Setembro 2011) – Eurozone tem de mudar [e o habitual junk-pimping].

Chantagem soft – Proliferação de junk – Fundos de estabilidade – Reforma Eurozone. Com isto (ainda em 2011), a UBS faz uma forma de chantagem soft: ou a Eurozone muda, ou as coisas complicam-se. É claro que as soluções oferecidas estão ao nível de maior proliferação de junk bonds, com garantia colateral pelo BCE e a instituição do El Dorado dos fundos de estabilidade, o mecanismo pelo qual bancos privados e bancos centrais podem essencialmente comprar e sequestrar economias inteiras (o caso de Grécia, Portugal). Mas a política monetária em si é intimada, existindo em *background* a sugestão subtil da necessidade de uma reforma sobre o euro em si.

"Euro não pode continuar na sua presente forma".

"Falha do euro traria governo militar, guerra civil ao longo da Europa". «*The euro cannot exist in its current state, and with its demise authoritarianism and possibly civil war could consume parts of Europe, global financial giant UBS writes in a report… "It is also worth observing that almost no modern fiat currency monetary unions have broken up without some form of authoritarian or military government, or civil war"*»

"Ou estrutura monetária muda, ou estados-membro da zona euro mudam".

"Se um país forte saísse: corporate default, recapitalization, collapse of trade".

"Mas, bailout dos PIIGS: um pouco mais de 1000 euros por pessoa numa só vez". «*"Under the current structure and with the current membership, the euro does not work. Either the current structure will have to change, or the current membership will have to change… Were a stronger country such as Germany to leave the euro, the consequences would include corporate default, recapitalization of the banking system and collapse of international trade," UBS says… the cost of bailing out Greece, Ireland and Portugal entirely in the wake of the default of those countries would be a little over 1,000 euros per person, in a single hit, the bank adds*»

"Colapso não é iminente, mas questões monetárias não podem ser lidadas casualmente".

"Soluções" parciais: fundos de estabilidade, compras de *junk bonds* pelo BCE. «*While UBS says there is no evidence of such a doomsday scenario on the horizon, it does point out it out that "monetary union breakup is not something that can be treated as a casual issues of exchange rate policy," MarketWatch adds separately. Steps to aid the eurozone countries include the creation of stability funds as well as European Central Bank purchases in bond markets of troubled countries*» ["UBS: Euro Can't Survive, Demise to Spark Chaos", Forrest Jones, Moneynews, September 7, 2011]

[Setembro, 2011] Entretanto, Merkel fala de "blood, sweat and tears".

"Europa precisa de mudanças estruturais" [reforma].

"Euro bonds e reestruturação de dívida não são suficientes".

«*Yet for Germany, structural improvements to the continent's underlying economies are needed to prevent future crises. "I'm convinced that this crisis, if a great crisis of the Western world is to be avoided, cannot be fought with a 'carry on' attitude. We need a fundamental rethink," says German Chancellor Angela Merkel, according to Reuters. "We must make it very clear to people that the current problem, namely of excessive debt built up over decades, cannot be solved in one blow, with things like euro bonds or debt restructurings that will suddenly make everything OK. No, this will be a long, hard path, but one that is right for the future of Europe."*» ["UBS: Euro Can't Survive, Demise to Spark Chaos", Forrest Jones, Moneynews, September 7, 2011]

[Outubro, 2011] The plot thickens – Alemanha propõe União Fiscal.

FT: "Crise na Eurozone expôs necessidade de união fiscal, mais integração política".
«*…the eurozone crisis exposed the lack of economic integration needed to complement the European monetary union. But if the 17 partners in the common currency are going to interfere in each others' national fiscal strategies – hitherto regarded as the cornerstone of national sovereignty – then closer political integration is essential, say proponents*»

Alemanha (banking, corporate, politics) – "mais Europa" [Sieg Heil].

"Debate-se fundo monetário europeu, regras orçamentais estritas, união fiscal".

"Maastricht não basta, é preciso união fiscal".

"German business is pro-European" [ja natürlich!].

Confederação Industrial (BDI) – "Fundo fiscal, votos proporcionais a contribuições".

«*Across the German political spectrum, and among the nation's business and banking community, pressure is growing for "more Europe" as the answer to the plight of the eurozone… the overall direction is backed by a clear majority of the ruling Christian Democratic Union, headed by Chancellor Angela Merkel, and her liberal Free Democrat partners. The German Federation of Industry (BDI), the powerful manufacturers' association, is in favour, and so are the opposition Social Democrats (SPD) and Greens… the call for… more European unity even won support from Josef Ackermann, chief executive of Deutsche Bank… Some of the ideas being discussed in Germany include the establishment of a European monetary fund, budget rules that are enforceable in the European court of justice and a transfer of elements of budget*

sovereignty from national capitals to Brussels… Another idea that certainly would be on the table in any treaty-change negotiations – the introduction of jointly guaranteed eurobonds to help finance eurozone nation borrowing… German business is pro-European. The BDI called for a new treaty in September, with a radical document including the idea of a European fiscal fund, amalgamating the EFSF and ESM, with tough conditions for borrowers, and voting rights reflecting financial contributions. It would be "politically independent"… To German eyes, the next step forward in the EU – or at least in the eurozone – must fill in the gaps left by the Maastricht treaty that created a monetary union without a fiscal union» ["Pressure grows for 'more Europe'". Quentin Peel, Financial Times, October 16, 2011]

[Outubro, 2011] FT (representa a City): União fiscal, vorwärts!

Alemanha é o motor económico da UE, grande fiador dos bailouts Eurozone.

Está "way front in such thinking" [so progressive!, vorwärts euro-jügend!].

Depois, as gincanas dialécticas típicas da UE [cada vez mais fársicas].

Holanda, Finlândia não querem que (pobres) instituições europeias percam poder.

Trichet serve de facilitador em tudo isto, um part-time após sair do BCE.

No consensus circle, Irlanda é o resistente, UK é um possível moderador.

Mas Alemanha é o principal stakeholder, tem direitos comunitários acrescidos.

[Futuro: Fritar resistentes para conversão – União fiscal feita através de Bruxelas].

«*The trouble is that Germany – the largest net contributor to the EU budget, the biggest single guarantor of eurozone rescue plans, and the motor of the European economy – seems to be way out in front of its partners in such thinking. The Netherlands and Finland are worried that Germany, with France, wants more "intergovernmental" deals, weakening the European Commission and parliament. Paris says it backs Berlin, but in practice is much more hesitant. Ireland – where referendums are required for any treaty change – is openly hostile… The UK, the most eurosceptic EU nation of all, would oppose most of Germany's ideas on the subject, but seems to be ready to approve anything that only affects the eurozone, rather than the full 27-nation EU… In an interview on French radio, [Jean-Claude Trichet] said it was necessary to change the treaty "to prevent one member state from straying and creating problems for all the others." Asked if that meant getting rid of national vetoes, he added: "To do this, one even needs to be able to impose decisions…" Germany's partners may not like it, but if Germany is going to remain the main financial guarantor of the euro, treaty change may be unavoidable*» ["Pressure grows for 'more Europe'". Quentin Peel, Financial Times, October 16, 2011]

UE – Tratado de Lisboa gera um superestado europeu

Antiga UE era uma conjugação, subordinada, de iniciativas multilaterais.

UE de Maastricht era uma entidade subordinada aos estados-membro. A antiga EU, de Maastricht, não era boa, mas ao menos consistia apenas num conjunto difuso de instituições estabelecidas por tratados multilaterais, intergovernamentais. Tinha poder proto-governamental mas subordinado aos estados nacionais que lhe tinham dado origem. Ainda não tinha poder governamental assumido. A nova EU é bastante diferente.

A UE do Tratado de Lisboa é um superestado federativo.

Tratado de Lisboa é a fonte de autoridade constitucional. O tratado constitucional substitui os anteriores tratados para se tornar na fonte fundamental de autoridade legal para a nova EU.

Tratado suplanta constituições nacionais, estabelece Estado supranacional (UE). O tratado constitucional suplanta as constituições nacionais dos estados-membro, apesar de essas constituições continuarem a existir. As constituições nacionais têm de ser revistas e adaptadas (o mesmo acontecendo com toda a legislação em vigor), para se conformarem aos trâmites da constituição europeia. Ou seja, o processo de ratificação do Tratado é o momento sacrificial onde o estado-nação se despoja de toda a sua soberania e poder constitucional de estado, e se subordina à autoridade de uma entidade supranacional que é, na prática, uma Federação, o novo *imperium* europeu.

UE: personalidade jurídica, existência legal separada, soberania territorial. Personalidade jurídica (legal personality) e existência corporativa independente, legalmente separada dos estados-membro. Isto permite-lhe fazer tratados em seu próprio direito com outros estados e conduzir-se como um estado na comunidade internacional de estados. Assume soberania sobre todos os espaços territoriais, todos os estados-nação, nela incluídos. Esta nova EU torna-se a soberana suprema pela primeira vez, o Estado.

Governos nacionais tornam-se administrações provinciais. Todos os estados-nação se tornam províncias e, as suas estruturas estatais nacionais, administrações provinciais.

Primazia legal UE; poder directo (autoridade federal), indirecto (coordenação). Lei supranacional europeia assume primazia sobre todas as áreas que os anteriores tratados intergovernamentais e comunitários deixavam à soberania nacional. Todas essas áreas passam a ser directamente reguladas ou, no mínimo coordenadas, pela UE. Ao nível

nacional, constituições, leis e procedimentos têm de ser ajustados aos sistemas definidos pelo superestado europeu. O poder legal da União é exercido de forma directa, por autoridade federal, ou indirecta, por coordenação.

Cidadania – passa a haver o "cidadão europeu". Todos os cidadãos dos estados-membro passam a ser cidadãos da entidade soberana, do superestado União Europeia, sujeitos aos direitos, deveres e condicionalidades do tétrico sistema legal e regulatório do superestado. Em última análise, todo e qualquer "cidadão europeu" deve a sua fidelidade primária à UE e não ao seu estado-nação, agora relegado a estatuto provincial.

Negócios Estrangeiros: Política comum, posto de MNE, corpo diplomático autónomo. A nova UE tem o poder de definir e implementar uma política comum de segurança e negócios estrangeiros. Isto inclui o poder para negociar e assinar tratados e acordos, como um Estado, com os restantes estados da "comunidade internacional". É criado o posto de Ministro Europeu de Negócios Estrangeiros, responsável pela condução da política comum de segurança e assuntos externos. Este posto preside sobre o Concelho de MNE Nacionais. É instituído um corpo diplomático europeu, que serve de base para as operações europeias de NE.

A expansão contínua de poderes federativos.

Em dúvida, o poder reverte sempre para a UE. Como a UE assume papel de soberania concessionária *de facto*, tem os mais variados mecanismos que lhe permitem aumentar continuamente os seus poderes. Aqui aplica-se o mesmo princípio que tem sido usado, formal e informalmente, desde o Tratado de Roma. Na dúvida, o poder é atribuído à estrutura imperial.

"United ever more closely", "ever closer union". Esta filosofia é expressa em frases como "United ever more closely" (Constituição de 2005, que origina o Tratado de Lisboa) e "ever closer union" (Tratado de Roma, 1957). É assumido como garantido que a direcção é sempre no sentido de fusão contínua, progressivamente mais intensa. Este é um dos muitos enviesamentos ideológicos que definem a criação desta abominação institucional, o novo império corporativista europeu.

As últimas fronteiras: impostos e guerra.

União fiscal e compulsão de estados-membro à entrada em guerras, para o futuro. A UE do Tratado de Lisboa ainda não é uma federação de plenos poderes, na medida em que ainda não pode compelir união fiscal (mas está a tentar, sob a actual crise económica) e, ainda não pode forçar países a entrar em guerra, algo que é pretendido que venha para o futuro.

“Tirando impostos e guerra, UE tem todas as marcas de estado Federal pleno”.

“Constituição, população, território, cidadania, moeda, forças armadas”.

“Legislatura, executivo, judiciário”.

“MNE e corpo diplomático autónomo, poder para assinar tratados internacionais”.

“100.000 páginas de lei federal, autoridade sobre províncias, bandeira, hino”.

«*Apart from these two aspects of taxes and war, the new Union would have all the key features of a developed Federal State: a population, a territory, a Constitution, citizenship, a currency, armed forces, a legislature, executive and judiciary, a Foreign Minister and diplomatic corps, some 100,000 pages of federal law, the right to impose fines and other sanctions on its Member States for failing to obey that law, the right to conclude international treaties with other States - and now of course its own flag, anthem and annual public holiday…*» [“WHAT THE EU CONSTITUTION DOES: A 14-POINT CRITICAL SUMMARY”, The National Platform EU Research and Information Centre, Dublin, Ireland; affiliated to the European Alliance of EU-critical Movements (TEAM), March 2005]

Poderes directos, baseados em autoridade federal.

Poderes exclusivos à UE. A União recebe poder legal **exclusivo** para tomar decisões relativas a tarifas e quotas, política monetária para a Eurozone, regras de competição para o mercado interno, pactos comerciais com outros países.

Poderes partilhados entre UE e estados-membro (primazia UE). O poder é “**partilhado**” entre EU e estados membro nos domínios de: mercado interno, política social, agricultura e pescas, ambiente, protecção de consumidores, transportes, energia, direitos humanos, segurança e justiça, ou sob certas questões de saúde pública. Sob esta “partilha”, a EU tem sempre primazia soberana, constitucional, deixando os estados-nação com poderes residuais ou meramente subsidiários, cedidos pelo soberano nas alturas em que o mesmo concessione o exercício desses poderes.

Poderes indirectos, de coordenação.

Poderes de coordenação. A UE tem poderes adicionais, de “**suporte, coordenação, acção complementar**”, em toda uma série de áreas adicionais: saúde pública, indústria, cultura, turismo, educação, juventude, desportos, formação vocacional, protecção civil, cooperação administrativa.

Regulação indirecta pelas “forças vivas do mercado” (TQM, propaganda, etc.). A larga maioria da regulação indirecta praticada pelas “instituições europeias” é, desde há muito, conduzida por meio de pura e simples manipulação social, política e económica.

Estandardização de procedimentos sob métodos TQM. Um método essencial é a definição de métodos e procedimentos estandardizados, a ser aplicados a este ou aquele sector da economia e da sociedade. Estes casos são protagonizados por parcerias, cartéis, entre as principais organizações do sector e toda uma variedade de institutos público-privados (governamentais, académicos, etc.). São definidos parâmetros de harmonização, *best practices*, *benchmarks*, *total quality criteria*, que são depois difundidos através de organizações do sector, workshops, congressos, manuais (*guidebooks*, *toolkits*, *rulebooks*), propaganda *corporate*. No seu todo, estes métodos são *total quality management* (TQM).

Sugestão não-coerciva → "Transição" → Imposição coerciva. Estes métodos começam sempre por ser voluntários e não-regulatórios até, mais tarde, serem tornados compulsivos. É claro que o entretanto é sempre considerado um período de "transição" e uma companhia que adopte esses métodos terá sempre acesso a condições preferenciais (e.g. incentivos nacionais, sob consultoria europeia).

Selos de qualidade ISO e a difusão de pensamento pobre, formatado, impertinente. Tudo isto é apresentado com um ou outro "selo de qualidade" (ISO ou outro) e o patrocínio "respeitável" e "sério" da magnânima e imperial União da Europa. Nem a ISO nem a União da Europa são entidades credíveis, ou sérias, e os resultados das suas *best practices* são invariavelmente maus e desumanizantes. Ensinam as pessoas a pensar sob um formato particularista, empobrecido, miópico, autoritário, utilitarista, contabilístico e chamam-lhe "*managerial*". Depois, sistematizam esse modelo de pensamento e acção para todo o sector; é aí que está radicada a identidade do "cidadão europeu" que é, na prática, um drone formatado TQM.

Domínios de poder UE, outros exemplos.

Regulação da Internet, direitos de propriedade intelectual. Harmonização de legislação, sob comando EU, sobre direitos de propriedade intelectual e sobre o domínio digital, i.e. regulação da Internet.

Investigação científica, política espacial, incluindo militarização do espaço. Programas de investigação científica e tecnológica conjunta. Política espacial europeia, que inclui um programa especial e também a militarização do espaço.

Domínios de poder UE – Engenharia psicossocial.

Política cultural: vender neo-feudalismo e glória imperial europeia. Política cultural, o que, em muitos casos, tem passado por exposições e manuais, dirigidos a crianças, pelos quais a história do continente europeu é inteiramente distorcido e virado de pernas para o ar, por forma a promover a ideia de federalismo unitário. Os temas essenciais nestas obras são: a) a ideia de que o estado-nação moderno provoca guerra e pobreza; b) a

romantização da era medieval; c) a glorificação da ideia do superestado federal, como sonho ambicionado por gerações no passado, esperança para o continente, iniciador de uma nova era para o planeta.

Tudo na UE é engenharia psicossocial. Tomemos o exemplo do desporto, que é definido com um *twist*, como tendo várias funções: voluntária, social, educacional. Cada uma destas valências é uma oportunidade para injectar doutrinação psicossocial. A UE é uma entidade Caldaica. Tudo é engenharia psicossocial, manipulação maiêutica, jogos de ilusão.

Promover colectivismo e managerialismo. A política desportiva (e tal coisa existe, Deus) é, portanto, usada para promover valores de harmonia colectiva, interdependência, "managerialismo". O *benchmark* inconfessado são as danças olímpicas colectivas dos jogos de Berlim, 1936, ou dos mais recentes jogos de Pequim. Todas as faculdades de educação física e todos os ginásios e clubes desportivos comunitários têm os seus pequenos *guidebooks* e *toolkits*, elaborados para débeis mentais, a explicar quais são os critérios de interacção e relação social que os "especialistas" definem, para a "optimização" de uma "saudável" prática desportiva.

Desporto em voluntariado obrigatório comunitário. A política desportiva será também harmonizada com programas de "voluntariado social" (mais tarde, serviço "voluntário obrigatório" na comunidade). Os pequenos voluntários obrigatórios comunitários terão de dar lições de maratona às "crianças da comunidade", ou de dança a idosos (os que ainda não tiverem sido eutanizados por sedação contínua profunda) e depois receberão os seus créditos sociais da semana.

Programas políticos. Da mesma forma, será/é usada para promover programas políticos, através de "maratonas pela Europa", "ginástica por Bruxelas" (ginástica física pelos ginastas de palavras), "corridas por África" (quando for necessário justificar a invasão de um país pelos drones formatados do Eurocorps).

A estrutura anti-democrática da UE (citações).

"Estrutura anti-democrática favorece oligarquias governantes". É um erro colocar as coisas em termos dos meros empregados e funcionários. Seria mais correcto falar das oligarquias financeiras, que conduzem e direccionam todo o processo, e empregam hostes de falhados e pessoas formatadas para fazer o trabalho incómodo.

"Perdedores são os estados-nação e a tradição liberal-democrática da Europa". «*The beneficiaries of this centralizing, undemocratic structure would be some dozens of top politicians and judges, some hundreds of senior bureaucrats at supranational and national level, and a cohort of publicists, ideologues and recipients of EU patronage across the 25 Member countries. The losers would be the 25 National Parliaments, which would be deprived of more of their power to make laws - and the 450 million*

citizens of the EU Member States who would thereby lose the power to elect their own law-makers and decide by whom they are governed»

“UE não é um governo democrático, do, pelo e para o Povo”.

“Com efeito, não existe sequer um demos europeu, nem pode ser fabricado”.

“Convulsões e revoltas serão os resultados de tudo isto”. «*Democracy is government of the people, by the people, for the people. But an EU democracy is impossible because there is no European people or demos that could confer legitimacy and "right authority" on EU law-makers and governors. Nor can a European "demos" or people be artificially created by EU flags and anthems and other symbols of an EU supernation, combined with EU laws foisted on whole countries from above. The reality is that there exists no European people, except in a statistical sense, but only Europe's many peoples, who wish to be governed by their own rulers whom they elect and can dismiss, as is not possible with the EU. If historical experience teaches anything, it is that if this EU Constitution is foisted on the peoples of Europe by deception and "spin" in referendums and parliamentary ratifications that are travesties of democracy, their revolt against those who are responsible would be only a matter of time*» [“WHAT THE EU CONSTITUTION DOES: A 14-POINT CRITICAL SUMMARY”, The National Platform EU Research and Information Centre, Dublin, Ireland; affiliated to the European Alliance of EU-critical Movements (TEAM), March 2005]

“We the People” vs “Drawing inspiration from”.

Texto NPEURIC, sobre a Constituição de 2005. «*The Constitution of the USA, which is 15 pages long, commences with the words "We the people…" The Treaty Establishing a Constitution for Europe, which is some 400 pages long, follows the formula of listing the Heads of State of the 25 EU Member countries, who then announce that "Drawing inspiration from ... Believing that… Convinced that ... Determined that ... and Grateful to…" something or someone or other, have designated certain named Presidents, Prime Ministers and Foreign Ministers as their plenipotentiaries, who have agreed the Treaty whose text then follows, with their signatures at its end The Preamble's first paragraph reads: "Drawing inspiration from the cultural, religious and humanist inheritance of Europe, from which have developed the universal values of the inviolable and inalienable rights of the human person, freedom, democracy, equality and the rule of law ... "*» [“WHAT THE EU CONSTITUTION DOES: A 14-POINT CRITICAL SUMMARY”, The National Platform EU Research and Information Centre, Dublin, Ireland; affiliated to the European Alliance of EU-critical Movements (TEAM), March 2005]

A diferença entre “We the People” e o recurso a legalês vápido e cínico. Esta é a diferença entre um soberano definido (“We the People”), que lança um sistema de governo para assegurar as funções de soberania, e um soberano vago e ambíguo

(instituições da união federal) que se auto-intitula como tal, e faz uma invocação difusa e mal definida de valores e tradições para o fazer. Por exemplo, quando é dito "*Drawing inspiration from the cultural, religious and humanist inheritance of Europe, from which have developed the universal values of the inviolable and inalienable rights of the human person, freedom, democracy, equality and the rule of law*", isto nem sequer significa que essa tradição será instituída em lei europeia (e não é). Apenas que é uma "inspiração". É impossível ter legalês que seja mais vápido e superficial.

A "Europa" corporativa é intolerante a Deus.

Sem dúvida, já que Deus condena corrupção, cinismo, autoritarismo, vapidez.

«*The great majority of Europeans believe in God. A million people signed a petition calling for the Preamble to contain a reference to the Deity. Pope John Paul 2 appealed for that. But France's President Jacques Chirac vetoed any such reference*» ["WHAT THE EU CONSTITUTION DOES: A 14-POINT CRITICAL SUMMARY", The National Platform EU Research and Information Centre, Dublin, Ireland; affiliated to the European Alliance of EU-critical Movements (TEAM), March 2005]

A UE auto-definida em legalês vápido / A entidade "Terra", governo global.

"Europe, reunited after bitter experience" [Europa só esteve unida sob tiranias].

"Peoples of Europe, determined to…" [povos da Europa nem tiveram direito a voto].

"Grateful to the European Convention" [ninguém a mandatou para uma Constituição].

"On behalf of citizens and States" [Convenção não é representativa de nenhuns deles].

"United ever more closely", "ever closer union" [fusão constante e contínua].

"Europe, a special area of human hope" [pretensiosismo auto-justificatório].

"In awareness of their responsibilities to future generations and the Earth".

Sustentabilidade ("responsability for future") e governância global (**"Earth"**). Na mesma frase é unido o legalês para sustentabilidade global (i.e. de-desenvolvimento, subdesenvolvimento, consolidação económica e política, austeridade global) e para governância global, "Terra" como entidade legal, com T maiúsculo. A primeira tentativa de ensaiar alguma forma de estatuto legal para a "Terra", que será representada pelo sistema público-privado ONU, é em Durban, COP17. A "Terra" será o governo planetário. A EU está aqui a preparar o terreno constitucional que lhe permitirá vir a jurar fidelidade ao governo da "Terra".

«*The Preamble's second paragraph refers to "Europe, reunited after bitter experience." Yet Europe has never been politically united, anymore than Africa or Asia have, except for brief periods of dictatorship when much though not all of it was under the Roman Empire, and later Napoleon Bonaparte and Adolf Hitler… The Preamble goes on to express the conviction that "the peoples of Europe are determined to transcend their former divisions and, united ever more closely, to forge a common destiny (and that)… Europe offers them the best chance of pursuing …the great venture which makes of it a special area of human hope." It is simply untrue to say that "the peoples of Europe" are united in their determination "to forge a common destiny". In truth most of the EU's peoples are being given no say whatever in this Treaty-cum-Constitution that is being foisted on them from above. Only a minority of EU States are holding referendums on it… The Preamble's final paragraph reads: "Grateful to the members of the European Convention for having prepared the draft of this Constitution …" Yet no one asked the Convention to draft a Constitution. It was a self-assumed task by the Euro-federalists who dominated it. The Laeken Declaration which established the Convention mandated it to make proposals for a more democratic and transparent EU, one closer to citizens. It spoke of the possibilty of repatriating powers from the EU to its Member States, whereas the Draft Constitution proposed the opposite. The Declaration referred to an EU Constitution only as a possibility "in the long run". By no stretch of the imagination is it true to say that the 105 members of the Convention that drafted the Constitution really prepared it "on behalf of the citizens and States of Europe." Each country had only three representatives. Each Government has only one. None of the National Parliaments which had two representatives each had discussed beforehand the principle of whether they wanted deeper integration. None of them discussed the implications of dissolving the existing European Union and Community and replacing it by a new Union in the constitutional form of a supranational European Federation where the laws for 450 million people would be made by committees of 25 persons on the EU Councils of Ministers… "United ever more closely" echoes the phrase "determined to lay the foundations of an ever closer union" in the 1957 Treaty of Rome, which implied a continual never-ending process of integration, embodied in treaty after treaty. The insertion of this phrase would continue to license the Court of Justice to decide future court cases in terms that advance such closer integration, constitutionally and politically… "Europe" as "a special area of human hope"?... Has Europe not often been an area of human hopelessness? What of all the human hopelessness Europe has engendered, on its own territory and in other continents, by the actions of some of its political elements over the centuries? In pursuing "the great venture which makes of it (i.e. Europe) a special area of human hope" Europe's peoples are stated to be united "in awareness of their responsibilities to future generations and the Earth" - Earth with a capital letter. The implication seems to be that responsibilities to a personified Earth, with capital "E", are more serious than to "earth" in lower-case! What exercise in exegesis might the ECJ some day make of that?*» ["WHAT THE EU CONSTITUTION DOES: A 14-POINT CRITICAL SUMMARY", The National Platform EU Research and Information Centre, Dublin, Ireland; affiliated to the European Alliance of EU-critical Movements (TEAM), March 2005]

UE – Tribalismo identitário e o fim do estado-nação clássico

Identitarismo produz sempre balcanização, guerra social, totalitarismo.

A ideologia UE inclui identitarismo, uma marca totalitária. A ideologia da UE inclui um dos pontos normativos em qualquer filosofia totalitária, identitarismo.

Identitarismo significa despersonalização, balcanização, guerra social. Sob identitarismo, a população é balcanizada ao longo das mais diversas linhas raciais, étnicas, culturais, sexuais, económicas. De cada indivíduo, é esperado que submerja a sua individualidade numa qualquer "identidade" colectiva. Essa "identidade" terá "identidades" aliadas e "identidades" inimigas. Isto gera sempre uma situação de despersonalização colectiva e de guerra de todos contra todos, na sociedade. Os sentimentos prevalentes são ódio, arrogância, mesquinhez de grupo. O impulso dominante é expresso pela dialéctica dominar/ser dominado. Não existe igualdade, a não ser aquela igualdade provisória que pode ser obtida no seio de um mesmo grupo identitário, ou entre grupos identitários temporariamente aliados.

Sociedade totalitária ascende da guerra social de todos contra todos. A pessoa desindividuada, colectivizada numa destas "identidades", embarcará nesta forma de psicose colectiva. Contribuirá para balcanizar e destruir a sociedade em que está incluída e ajudará a lançar as bases para a sociedade totalitária que ascende a partir dessa destruição. O saco de gatos abre espaço à autoridade militarizada central, que surge para "normalizar" a situação.

Sociedade totalitária destrói qualquer forma de diversidade e impõe monocultura. A sociedade totalitária em si extingue a larga maioria dos grupos identitários. É o velho padrão do colonialismo soviético, que todas as formas de identitarismo nas sociedades a conquistar e, quando o fazia, prendia e/ou executava a larga maioria dos revolucionários identitários que tinham contribuído para a mudança social. No final, só ficava uma monocultura burocrática militarizada e, eventualmente, algumas formas de balcanização etno-racial, ao longo do sistema de comunas.

O fim do estado-nação clássico e a ascensão de tribalismo identitário no espaço UE.

UE consagra balcanização social identitária. O Tratado de Lisboa, em linha com a filosofia identitária da UE, enfatiza a "importância" das identidades nacionais dos vários *povos* que estão integrados no espaço legal europeu. Aqui nunca estamos a falar dos estados-nação modernos, mas sim dos diferentes grupos identitários que estão distribuídos ao longo do espaço da UE.

Universalismo clássico substituído por multiculturalismo identitário, neo-feudal. Ao mesmo tempo que isto acontece, é lançada a base para a bestialização das relações interpessoais no espaço europeu. Os preceitos filosóficos e morais que sustinham o estado-nação clássico são gradualmente substituídos por mentalidade identitária, definida por preconceito, despersonalização, antagonismo, belicismo. Esse é um retorno geral à mentalidade feudal, que conceptualiza o mundo como estando repartido por grupos tribais que são antagonísticos e mutuamente exclusivos.

Estado-nação clássico balcanizado em colectivismos tribalistas. O antigo estado-nação produziu o estado de direito etnicamente universalista, pelo qual só os indivíduos contam, não as etnias ou as raças. Esse estado de direito nem sempre funcionou; mas na Europa que ascende do Holocausto e do colonialismo, estava finalmente em vias de fazer jus aos seus princípios. Agora, a esse estado de direito é sumariamente rejeitado e eliminado e substituído por um retorno geral a colectivismo tribalista. O paradigma é multiculturalismo identitário, onde as pessoas são psicossocialmente colectivizadas por linhas identitárias e, depois, balcanizadas e antagonizadas ao longo dessas linhas.

Fim de fronteiras nacionais e choques dialécticos – identitarismo vs diversificação. Isto entra em linha com o desapoderamento do estado-nação na definição de políticas comuns para controlo de fronteiras, imigração, asilo ("border controls, asylum, immigration", em euro-terminologia). Ou seja, o estado-nação deixa inteiramente de existir também neste ponto, perdendo controlo sobre um dos seus principais pontos definidores: a sua definição de *limites*. O superestado UE ganha o poder de conduzir as suas próprias políticas de migração e engenharia social no seio do território. No entretanto, é promovida a corrida para o fundo, com o incentivo a grandes movimentos migratórios, das regiões mais pobres para as regiões mais ricas (essencialmente, do Leste e do Sul para o Centro e para o Norte). Enquanto isto acontece existe, claro, a promoção de identitarismo secessionista étnico, onde toda uma variedade de grupos etno-raciais exigem o direito a ter os seus próprios espaços legais étnicos (mini-estados, cidades-estado). Todos estes movimentos preparam o fim efectivo do estado-nação clássico, um estado de direito etnicamente universalista. São movimentos dialécticos: a composição étnica de cada estado-nação é radicalmente diversificada, ao mesmo tempo que cada grupo é incensado contra os restantes.

Choque dialéctico resultará em guerra social ubíqua. O resultado deste choque dialéctico é, claro, guerra social ubíqua. Essa guerra social será prolongada, será genocida, provocará exclusão mútua entre diferentes grupos étnicos. Ocorrerá em continuum com os restantes choques que esperam o espaço territorial europeu ao longo das próximas décadas.

Partição do espaço europeu em Euro-Regiões, definidas por linhas étnicas. É preciso ter em consideração que existe um resultado que advém da guerra ubíqua e esse resultado é o modelo advogado por UE (em linha com outros corpos, como a ONU; e, também, o modelo que está a ser implementado no Médio Oriente). O resultado é a total dissolução do antigo estado-nação e a sua substituição por regiões administrativas definidas por

linhas étnicas. Um modelo essencial para este tipo de partição administrativa étnica é a Bélgica; mas a experiência mais recente da ex-Jugoslávia também é incrivelmente relevante. Isso entra em linha com as redefinições administrativas regionais do espaço territorial, pelas quais o continente é partido em diferentes regiões (Euro-regiões). Essas regiões são mini-estados administrativos, divergentes dos actuais espaços nacionais, organizados de acordo com linhas étnicas (história comum, língua, costumes, etc.).

Euro-regionalismo é similar ao modelo Nazi e àquilo que foi feito com a ex-Jugoslávia. Estas regiões não podem tanto ser definidas como sovietes regionais, como pelo seu equivalente Nazi, a região administrativa étnica. O conceito de uma Europa dividida em espaços administrativos étnicos é o conceito Nazi – para o que teria sido a reformulação do espaço europeu no evento de o III Reich ter ganho a II Guerra. A actual partição da ex-Jugoslávia segue aliás de perto a divisão que era prescrita pelo modelo original Nazi. Com efeito, foi conduzida com o apoio dos mesmos grupos identitários que auxiliaram os Nazis durante a guerra: fascistas Croatas e extremistas Bósnios.

Futuro 1: Partição da Europa sob o modelo Nazi. Se o modelo da Euro-região étnica for para ser levado sob o seu valor facial e histórico, isso significa que, eventualmente, a Europa será definida por “fronteiras” étnicas, num “glorioso” espaço etno-cultural totalitário e, mais apropriadamente, neo-nazi. Essas fronteiras estarão abertas às entidades mercantis (que serão puramente inter-étnicas e indiferenciadas), num território europeu dividido em regiões comunitárias étnicas, policiadas pelas forças militares imperiais. O escravo comunitário europeu será ensinado a sentir-se “em casa”, junto de escravos com a mesma história, costumes, língua.

Futuro 2: Partição da Europa sob o modelo Soviético. É claro que também pode vir a ser adoptado o modelo puramente soviético, onde após a balcanização e a guerra de todos contra todos, existe uma forma de integração forçada, militarizada, onde todos são igualmente reduzidos ao estatuto de escravos na comuna/plantação. É claro que a diversidade cultural é extinta, só restando uma monocultura burocrática-militar.

D'ESTAING E AMATO – Tratado de Lisboa é a Constituição Europeia.

Tornar tratado incompreensível.

Evitar referendos.

Impor Constituição sob nova forma.

Just like the constitution, say friends and foes of new EU treaty.

Giscard d'Estaing foi o chairman da Convenção Europeia. O corpo de mais de uma centena de políticos que elaborou a Constituição Europeia em 2002-03.

Perante o Parlamento Europeu, 17 de Julho de 2007.

«*What was [already] difficult to understand will become utterly incomprehensible… But the substance has been retained… Making cosmetic changes would make the text more easy to swallow*». As mudanças «*presentational*» ao texto de 2004 foram «*partially chosen, no doubt, to make it possible for the treaty to be ratified by parliaments*.»

EU constitution architect deplores 'cosmetic' text changes

Carta aberta no Le Monde, 26 de Outubro de 2007.

«*Looking at the content, the result is that the institutional proposals of the constitutional treaty … are found complete in the Lisbon Treaty, only in a different order and inserted in former treaties*»

«*Above all, it is to avoid having referendum thanks to the fact that the articles are spread out and constitutional vocabulary has been removed*»

«*They are therefore imposing a return to the language that they master and to the procedures they favour, and in doing so alienate the citizens further*».

"Lisbon Treaty made to avoid referendum, says Giscard"

Le Monde - La boîte à outils du traité de Lisbonne, par Valéry Giscard d'Estaing

Giuliano Amato foi o vice-presidente da Convenção Europeia. O italiano Giuliano Amato, antigo PM italiano.

Comunicação perante o Centre for European Reform, Londres, 12 de Julho, 2007.
«*They [EU leaders] decided that the document should be unreadable. If it is unreadable, it is not constitutional, that was the sort of perception… Where they got this*

perception from is a mystery to me. In order to make our citizens happy, to produce a document that they will never understand!»

«*Nothing [will be] directly produced by the prime ministers because they feel safer with the unreadable thing. They can present it better in order to avoid dangerous referendums*».

Treaty made unreadable to avoid referendums, says Amato

MONNET.

Jean Monnet, o arquitecto e fundador da União Europeia. Foi a figura essencial para o estabelecimento da União Europeia.

Monnet, o banqueiro Socialista.

(1955) **Monnet** funda o Action Committee for the United States of Europe. Fundado a 13 de Outubro de 1955.

Monnet criou o Plano Schuman, para o estabelecimento da ECSC.

Nunca foi eleito para qualquer cargo.

Trabalhou com os governos europeus e com o governo americano.

Jean Monnet – "…the Community, a stage to organized world of the future".

A Comunidade Europeia não é um fim em si mesmo.

Nações de hoje são as províncias do futuro.

A Comunidade é uma fase na direcção do mundo organizado do futuro.

«*Have I said clearly enough that the Community we have created is not an end in itself? It is a process of change, continuing that process which in an earlier period of history produced our national forms of life. Like our provinces in the past, our nations today must learn today to live together under common rules and institutions freely arrived at. The sovereign nations of the past can no longer solve the problems of the present; they cannot ensure their own progress or control their own future. And the Community itself is only a stage on the way to the organized world of the future.*»

Jean Monnet, Memoirs (1976)(trad. R.Mayne). London: William Collins and Son Ltd., p.524

Jean Monnet – Construção de Federação Europeia, através de gradualismo.

Pessoas costumam reparar em mudanças radicais violentas.

Mudança radical na Europa feita através através de modos legítimos.

«*We are used to thinking that major changes in the traditional relations between countries only take place violently, through conquest or revolution. We are so*

accustomed to this that we find it hard to appreciate those that are taking place peacefully in Europe even though they have begun to affect the world. We can see the Communist revolution, because it has been violent and because we have been living with it for nearly fifty years. We can see the revolution in the ex-colonial areas because power is plainly changing hands. But we tend to miss the magnitude of the change in Europe because it is taking place by the constitutional and democratic methods which govern our countries.»

União em Mercado comum é fundação para união política.

«*...the countries of continental Europe... are now uniting in a Common Market which is laying the foundations for political union.*»

União política foi o objectivo desde o início.

«*Beyond the economic integration of our countries... there remains the problem of achieving our political union which was our aim from the beginning.*»

Passo a passo para construir Federação.

«*...I have always felt that the political union of Europe must be built step by step like its economic integration. One day this process will then lead us to a European Federation.*»

Integração e não cooperação, ao contrário do que era dito ao público.

«*The days are past when we debated the pros and cons of the little and the big Europe, of integration versus co-operation: Europe with its rules and its institutions will be the framework in which our countries will express their energies in common within a single Community.*»

Processo: "A chain reaction, a ferment where one change induces another".

«*The new method of action developed in Europe replaces the efforts at domination of nation states by a constant process of collective adaptation to new conditions, a chain reaction, a ferment where one change induces another.*»

Jean Monnet (1962), "A Ferment of Change". Journal of Common Market Studies, n.1, p. 203-211.

Jean Monnet – Construção de Comunidade Atlântica, base para governo global.

Construir uma Comunidade Atlântica.

«*It is evident that we must soon go a good deal further towards an Atlantic Community. The creation of a united Europe brings this nearer by making it possible for America and Europe to act as partners on an equal footing. I am convinced that ultimately, the*

United States too will delegate powers of effective action to common institutions, even on political questions. Just as the United States in their own day found it necessary to unite, just as Europe is now in the process of uniting, so the West must move towards some kind of union.»

Comunidade Atlântica é uma base para governo global.

«*This is not an end in itself. It is the beginning on the road to the more orderly world we must have if we are to escape destruction.*»

Jean Monnet (1962), "A Ferment of Change". Journal of Common Market Studies, n.1, p. 203-211.

Jean Monnet – Comunidade Atlântica-URSS.

Comunidade Atlântica-URSS.

«*Can we not expect a similar phenomenon in the future relations with the Soviet Union?*»

Jean Monnet (1962), "A Ferment of Change". Journal of Common Market Studies, n.1, p. 203-211.

MORATINOS – Tratado de Lisboa.

Moratinos festeja o fim do estado-nação europeu. Numa entrevista, o então ministro dos negócios estrangeiros de Espanha, Miguel Ángel Moratinos, festejava o fim da soberania nacional do seu país e de todos os outros na Europa. Quando questionado sobre se «*Does accepting the European Constitution mean a surrender of member states' sovereignty?*», Moratinos respondeu que «*Absolutely. The member states have already relinquished control of certain economic and social competences [policy areas], including justice, liberty and security. Now the difficult part is approaching: the giving up of sovereignty in the duel arenas of foreign affairs and defence. The concept of traditional citizenship has been bypassed in the 21st Century… We are witnessing the last remnants of national politics*» – Miguel Ángel Moratinos [Spanish Foreign Minister] "We are witnessing the last remnants of national politics", Interview to CaféBabel [by Fernando Navarro Sordo], 28/02/2005.

Discurso reminiscente de colaboracionistas soviéticos e nazis. O mesmo tipo de discurso foi feito quando a URSS de Stalin absorveu, um a um, os estados bálticos e a Roménia, ou quando a Alemanha de Hitler fez o Anchluss sobre a Áustria.

Isto costumava ser chamado de alta traição. A pessoa era indiciada, ia a julgamento, e ia para a prisão, por altos crimes num cargo público.

SPINELLI – Federação Europeia comunista.

O edifício principal no Parlamento Europeu em Bruxelas recebe o nome de Altiero Spinelli.

Arquitecto da integração europeia.

Enfático em afirmar que seria impossível integrar a Europa democraticamente.

Isto teria de ser feito por ditadura gradualista.

Divisões europeias seriam resolvidas por Federação Europeia.

É um passo para a unificação do mundo.

Forças armadas europeias, articulação política pan-europeia.

Ditadura do partido revolucionário estabelece o estado, e democracia segue-se.

«*The multiple problems which poison international life on the continent have proved to be insoluble: tracing boundaries through areas inhabited by mixed populations, defence of alien minorities, seaports for landlocked countries, the Balkan Question, the Irish problem, and so on. All these matters would find easy solutions in the European Federation, just as corresponding problems, suffered by the small States which became part of a vaster national unity, lost their harshness as they were transformed into problems regarding relationship between various provinces… and the constitution of a steady federal State, that will have an European armed service instead of national armies at its disposal; that will break decisively economic autarchies, the backbone of totalitarian regimes; that will have sufficient means to see that its deliberations for the maintenance of common order are executed in the single federal States, while each State will retain the autonomy it needs for a plastic articulation and development of a political life according to the particular characteristics of the various people.*

And, once the horizon of the Old Continent is passed beyond, and all the people who make up humanity join together for a common plane, it will have to be recognised that the European Federation is the only conceivable guarantee that relationships with American and Asiatic peoples can exist on the basis of peaceful cooperation, while awaiting a more distant future, when the political unity of the entire globe becomes a possibility»

«*In this way it issues the initial regulations of the new order, the first social discipline directed to the unformed masses. This dictatorship by the revolutionary party will form the new State, and new genuine democracy will grow around this State*»

Altiero Spinelli (1941). *Ventotene Manifesto*.

VÍDEOS UE.

MONCKTON – Bureaucrats and bankers set up a European tyranny.

(**LM – 16:05**) We've seen it all before in the dismal dictatorship that the EU has become. That started out just as a tiny group of bureaucrats who had been given the power to levy a certain amount of money from each member state of what became the EU, to make sure after WWII, there was enough coal and steel to rebuild Europe. A perfectly sensible technocratic arrangement. But then the bureaucrats and the bankers got together and they said, why don't we turn this into a Europe wide government? And did they intend this should be democratic government? Certainly not. They intended that this should be a tyranny of the governing elite over the governed.

MONCKTON – UE começa com pequena burocracia, depois torna-se um monstro.

monckton - EU model is template for UN world government (The EU started with a very small bureaucracy – that then became a monster – there is of course a European Parliament for the sake of appearing democratic, but they can't propose legislation, it can't decide legislation, any legislations it does make can be overriden – The UN is using that model as a shinning example of what they which to achieve – a world government, at first it will just appear to be a little technocratic committee, start small so no one will notice it – just like the EU, they know how to do it – make sure it's made by treaty, so all the countries that sign on to it are bound to it forever thereafter, that's the point about treaties)

MONCKTON – Parlamento Europeu sem quaisquer poderes.

monckton - EU model is template for UN world government (The EU started with a very small bureaucracy – that then became a monster – there is of course a European Parliament for the sake of appearing democratic, but they can't propose legislation, it can't decide legislation, any legislations it does make can be overriden – The UN is using that model as a shinning example of what they which to achieve – a world government, at first it will just appear to be a little technocratic committee, start small so no one will notice it – just like the EU, they know how to do it – make sure it's made by treaty, so all the countries that sign on to it are bound to it forever thereafter, that's the point about treaties)

BARROSO – EU is an empire, European dimension, from local to global.

Barroso - EU is an empire (We need European dimension. European dimension is the indispensable dimension through the local to the global. And the more globalization goes, and it's quite clear it's there to stay, we need that dimension more. Sometimes I like to compare the EU to the dimension of empires. The empires were usually made through force. Now we have the first non-imperial empire. We have 27 countries that freely decided to work together, to pull their sovereignty, to work together)

UKIP – EU, the new soviet.

Farage – The sad commie story of the EU.

farage - the sad commie story of the EU (acessório)

Farage – The Brezhnev doctrine of shared values, nostalgia among the commies.

farage - comunistas na CE, gov economica - e não vai ser só grécia mas tb portugal, espanha, etc, ***breznev doctrine 'shared values'*** (Now I'm struck that the common denominator of this commission is the sheer number of them that were communists, or were very close to communism: barroso, ashton, callas, etc. But **we have 10 communists in this commission, and it must feel like a return to the good old days, there must be a certain nostalgia amongst the communists**. [continua, mas é no espectro económico])

Batten – The EU is undemocratic, governed by ideology.

gerard batten - The EU is undemocratic and governed by ideology (acessório como clip total, bom pela frase de título em si)

Batten – We are now governed by communist collaborators and quislings.

Gerard Batten - EU commission is the de facto govt of Europe and are communists and quislings (I voted against the commission because I don't want to be governed by an european commission of any composition. But there are particular reasons for voting against this one. A number of them were members of the communist party, or associated with it. Cita nomes – Barroso, Ashton, etc. Europe is sleepwalking towards disaster. We are now governed by communist collaborators and quislings.)

Batten – This place looks more and more like the Soviet Union every day.

Batten - 'This place looks more and more like the Soviet Union every day'1 (What kind of parliament is it that tries to prevent its speakers speaking when it disapproves of what they say? This place looks more and more like the Soviet Union every day)

BLOOM – EU will crumble, like the Soviet Union which it so resembles.

EU means big business, fat cats, eco-fascism.

godfrey bloom1 - EU means big business, fat cats, eco-fascism (It will go the same way as the Soviet Union which it so resembles. It's centralized, it's corrupt, it's undemocratic, and it's incompetent. It's driven by an unholy alliance of big business and fat cat bureaucrats. It's sponsored by an eco-fascist agenda from a platform of perverted junk science, referred to as climate change. Whenever people in Europe get the chance of a referendum, they reject it.)

Our children and grandchildren will curse us.

godfrey bloom - EU is already crumbling - motins, catástrofe económica (Our children and grandchildren will curse us, as they are left to pick up the pieces of this wholly avoidable shambles.)

BATTEN – This place looks more and more like the Soviet Union every day.

Batten - 'This place looks more and more like the Soviet Union every day'1 (What kind of parliament is it that tries to prevent its speakers speaking when it disapproves of what they say? This place looks more and more like the Soviet Union every day)

JIM CORR – Destruição de soberania com o Tratado de Lisboa.

jim corr - no referendums allowed (a única razão pela qual não permitem referendos nos outros estados-membro, é porque sabem que seria rejeitado)

jim corr – media bias towards yes side

jim corr – perca de soberania (O pouco poder que o país tem vai ser transferido para a EU, através deste tratado. Falamos de poder sobre polícia, exército, economia, e o estado. Se houver uma potência estrangeira, que é isso que é, operada pelos burocratas em Bruxelas, isso é o fim da independência e da soberania nacional. Os nossos antepassados, que lutaram duramente por soberania nacional, devem estar a dar voltas na sepultura, com este tratado)

JIM CORR – Jean Monnet e Giscard d'Estaing.

jim corr - jean monnet, superstate by deception and economic measures (another quote from monnet: "Europe's nations shall be guided towards a superstate without their people understanding what is happening. This can be accomplished by successive steps, each disguised as having an economic purpose, but which will eventually, and irreversibly, lead to federation.")

jim corr - d'estaing, the deception built into the lisbon treaty (This is a quote by d'estaing, he was one of the architects of the Lisbon Treaty. “Public opinion will be led to adopt, without knowing it, the proposals that we dare not present to them directly. All the area proposals will be in the new text, will be hidden and disguised somewhere.” There he is telling us about the deception that is built into the Treaty)

UKIP – New Berlin Wall, entre governantes e governados.

New berlin wall; entre governantes e governados. (Now we have a new Berlin wall, not on the frontiers of nations but within nations, and this wall is between the professional politicians of the political establishment and the people)

FARAGE – Tratado de Lisboa, o superestado europeu.

Lisboa dá a UE personalidade jurídica, poderes ultra-regulatórios.

farage - Lisbon treaty, personalidade juridica e de auto-emenda, legislação sobre todos os aspectos das nossas vidas (É a imposição da vontade da classe política sobre os cidadãos. Dá a esta UE uma personalidade jurídica plena e de auto-emenda, e dá-lhe a liberdade para legislar sobre todos os aspectos das nossas vidas)

The euro state is here, avalanche of new laws.

farage - 8.5 years, the euro state is here, avalanche of new laws (imagem de barroso como porco) (It's taken you 8.5 years of bullying, of lying, of ignoring democratic referendums, 8.5 years it's taken you, to get this treaty through. The European state is here, we're about to get an avalanche of new laws because of this Lisbon Treaty.)

O novo governo europeu, com o poder de usar poderes de emergência para assumir controlo sobre países.

Farage - o novo governo da europa, poderes de emergência para tomar países de assalto (What we have before us here is the new government of Europe, a govt that with the Lisbon Treaty now has enormous power. Not just a foreign minister and embassies, not just the ability to sign treaties, but the ability now to use emergency powers to take countries over.)

FARAGE – Bullying e totalitarismo para passar Lisboa.

Ameaças, bullying, rejeição de referendos democráticos.

Nigel Farage - tratado de lisboa (discurso sobre ameaças e bullying) (As president Vaclav Klaus pointed out when he came here, you don't think there should be an

opposition. And the defining moment in this house was we had the french, the dutch, the irish saying no, and the parliament just kept at it. You just don't get it do you? No means no. What kind of a parliament is this. If you believe in democracy, you would not bulldoze aside those referendums. Well I hope the voters of Europe can see the real face of this project. You are bullying, you are threatening, you are anti-democratic, you're a complete sham)

Recurso a métodos totalitários para passar o Tratado.

farage - recurso a métodos totalitários para passar o tratado (You don't want to hear the voice of the people, and now you resort to totalitarian means to get this treaty through) –> no contexto de difamação da oposição?

BUKOVSKY – The New European Soviet.

"Bukovsky: former soviet dissident warns for EU dictatorship".

Comissão Trilateral, Gorbachev, esquerda europeia decidem convergência. 6, 7

Convergência com URSS, versão mais soft. 1, 2

"Harmonização fiscal", termo tirado de Orwell. 3

Ultrarregulação, ultra-burocratização, corrupção endémica. 5, 8

Desmantelamento de democracia. 9

Europol como novo KGB. 1,

Só gerações mais velhas se parecem preocupar com perca de liberdade. 10,11

UE provocará colapso económico e social. 4

Existem soluções mas têm de ser executadas rapidamente. 12

[*RESUMO: UE como estrutura semelhante à soviética, que visa uma convergência com o ex-sistema soviético, de modo facilitado pela comissão trilateral (incluíndo Giscard d'Estaing). "Europa, o nosso lar comum". Semelhanças claras: soviete supremo, politburo, a ultra-regulação, os tipos de corrupção, a burocratização de tudo, europol como o novo kgb, harmonização fiscal. Euro é uma moeda que levará à catástrofe.*

Ao mesmo tempo, no mundo ocidental, estamos a perder liberdades, e só as gerações mais velhas se parecem preocupar com isso.

Existem algumas soluções possíveis.]

bukovsky - convergencia, europol como novo kgb (1) (E vai-se a todas as características deste monstro europeu, e cada vez mais se parece com a URSS. É claro que é uma versão mais soft. Não tem gulag e KGB – ainda.)

bukovsky - convergência, soviete supremo, politburo (2) (A ideia era terem aquilo a que chamaram convergência, quando a URSS se tornasse mais social-democrática, e a Europa se tornasse mais socialista, e aí haveria convergência. As estruturas teriam de se encaixar, e portanto as estruturas da UE foram feitas de um modo muito similar ao da estrutura soviética. É por isso que são tão similares, em funcionamento e estrutura. Portanto, não espanta que o Parlamento Europeu se pareça com o Soviete Supremo. E, quando se olha para a Comissão, parece o Politburo)

bukovsky - harmonização fiscal (3) (Aquilo a que chamam harmonização fiscal e de serviços sociais, adoro a palavra, vem directo de Orwell)

bukovsky – euro (4) (It will bring to economic collapse. Particularly the introduction of the euro. Currencies are not supposed to be political. You can not have a currency fixed at the same interest rates, in one place. So the EU will eventually collapse, just like the USSR collapsed. But don't forget, when these things collapse, they leave such devastation behind them)

bukovsky – ultrarregulação (5) (Overregulation of economy. Bureaucratization of all these)

bukovsky - gorbachev e esquerda europeia - UE, our common home (6) (I've looked through quite a number of secret documents in Moscow. And it came out that the whole idea of turning common market into a federal state was agreed between the left wing parties of Europe and Moscow, as a joint project, which Gorbachev called 'Our Common European Home')

bukovsky - trilateral commission (7) (In January of 1989, a delegation of Trilateral Commission came to see Gorbachev. It included Giscard d'Estaing, Rockefeller, Kissinger. They tried to explain to Gorbachev that Soviet Russia had to integrate into financial structures of the world, such as GATT, IMF, World Bank.Giscard d'Estaing fala da necessidade de integrar o futuro estado federal europeu, que sabia que iria aparecer, com a rússia soviética.)

bukovsky - gosplan (8) (Quando se olha para esta bizarra actividade com dezenas de milhares de páginas, faz lembrar o Gosplan. Quando se olha para o tipo de corrupção, é o tipo de corrupção soviética)

bukovsky - perca sistemática de liberdade (9) (estamos a viver um período de muito sistemático desmantelamento da democracia – a seguir fala da criação de poderes de emergência para suspensão de direitos civis, aqui é acessório)

bukovsky – gerações (10) (estamos a perder liberdades, e só as gerações mais velhas se parecem preocupar com isso)

bukovsky - no one taking any notice (11) (and it seems to me that noone is taking any notice of it)

bukovsky - soluções (12) (É simples. Se 1 milhão de pessoas marcharem sobre Bruxelas estes tipos fogem para as Bahamas – não estão habituados a esse tipo de coisas. Se amanhã metade da população britânica se recusar a pagar impostos, ninguém irá para a cadeia. Hoje pode-se fazer isso. Então e amanhã, com a Europol em plena forma, composta de ex-Stasi? Temos de encontrar estratégias para obter o máximo resultado possível no mínimo de tempo)

A ideia de unificação europeia. A unificação da Europa tinha sido tentada inúmeras vezes, e era tremendamente impopular. Onde Hitler e Napoleão falharam militarmente, os globalistas venceriam, usando gradualismo e tácticas institucionais. O objectivo também foi acalentado pelos soviéticos, que pretendiam anexar uma Europa ocidental unida mais cedo ou mais tarde.

De Napoleão e Hitler a eurocratas e banqueiros. A caneta é mais poderosa que a espada, e o que Napoleão ou Hitler não conseguiram pelas armas, foi alcançado por comissões de burocratas e banqueiros.

<u>ORIGENS DA UE</u>.

H.R. Nord e a Federação Europeia como passo para a Federação do Mundo.

<u>Nord, fundador do Parlamento Europeu</u>. H.R. Nord (com a alcunha de 'Mister Europe') é um dos fundadores do Parlamento Europeu, mais tarde secretário-geral do mesmo. No final da II Guerra Mundial, escreve uma série de três panfletos na magazine 'De Baanbreker' (Pioneer Magazine). 1º panfleto: For a Federal Europe. 2º panfleto: Federal Union and Resistance Movement. 3º panfleto: 'Practical consequences of a European federation'.

<u>Ominosamente, Nord usa o mesmo termo que Hitler tinha usado, "new world order"</u>.

<u>"The problem of a New World Order is now more acute than ever"</u>.

«*The problem of a New World Order is now more acute than ever. Now the war is ended, and simultaneously the prime stimulant of cooperation between the superpowers, it is of the greatest importance people realise what is required of us if we are to regain peace: an effort no smaller than the one which led to the defeat of the enemy.*»

<u>Era necessário erradicar soberania nacional</u>.

<u>Substituir estado-nação por grande federação que decida destino dos estados-membro com perfeita impunidade</u>.

<u>Durante 30 anos, propaganda por Federação Europeia</u>.

<u>Federação europeia como base para Federação do mundo</u>.

«*In the last 30 years, propaganda has been made for this idea of a federation, especially for a European federation, from many different sides. One has to keep in mind though, that a federation is not an objective in itself; it is rather a means to a particular end.*» (1º panfleto)

Este fim não tem debate possível, para Nord: «*A federation that will eventually include all nations of the world. It is clear that such an ideal will only be realised in the very long term; but there is every reason to proceed with the first step as soon as possible. And where can this first step better be taken than in Europe.*» (1º panfleto)

«*The current lack of unity and coherence between the different parts of the world makes it impossible to try for a world federation.*» (2º panfleto)

<u>A Europa, devido às suas dificuldades actuais, será a primeira a aceitar federação</u>.

«*The International Comity for European Federation… firmly emphasizes that it considers a European federation to be nothing more than as first step towards a world*

federation. If it currently restricts its activities to the advancement of a European federation, it is because it wishes to have a practical objective, and also because it is convinced that Europe, with all its pressing difficulties, should be the first to accept a federal solution.» (2º panfleto)

Controlo sobre defesa, política externa, comércio e finança internacional. A esta federação europeia, diz Nord, as nações têm de «*definitively surrender their sovereign rights to the federation regarding defence, foreign policy, international finance and exchange… No national defence will be allowed… Just like foreign policy, defence will be completely under the control of the federal government.*» (2º e 3º panfletos)

Na Alemanha, Adenauer, Ehard e Schmid queriam federação europeia.

Adenauer e os EU da Europa. Konrad Adenauer dizia que «*The aim of all work in Europe must be to establish the United States of Europe or a similar structure*», uma «*European federation*».

Ehard, união económica e federação para defesa e negócios estrangeiros. Hans Ehard também falava de uma «*federation*» com «*sole competence in foreign affairs and for the defense of federal territory*» e, ao mesmo tempo, a região inteira tinha de «*form a single economic and customs area*».

Schmid e uma comunidade supranacional. Carlo Schmid diz-nos que uma «*supranational community*» tinha de controlar política externa, defesa, planeamento económico e a gestão das principais indústrias.

Sebastian Rosato (2011). Europe United: Power Politics and the Making of the European Community (Cornell Studies in Security Affairs). Cornell University Press.

De Valera – UE, uma péssima ideia.

Éamon de Valera tinha acabado de voltar de Estrasburgo. Onde tinha assistido a uma reunião para concertação europeia.

Irlanda teria saído de dominação britânica para entrar em sistema ainda pior.

Em vez de cooperação, governo político.

A 12 de Julho de 1955, Eamon de Valera, líder da oposição (Fianna Fáil) fez um discurso profético ao Dáil Éireann:

«*…it would have been most unwise for our people to enter into a political federation which would mean that you had a European parliament deciding the economic circumstances, for example, of our life here… We did not strive to get out of that domination [British] of our affairs by outside force, or we did not get out of that*

position to get into a worse one… One of the things that made me unhappy at Strasbourg was that I saw that at the first meeting of the Assembly, instead of trying to provide organs for co-operation, there was an attempt to provide a full-blooded political constitution, there were members who were actually dividing themselves into socialists parties, and so on… we would not be wise as a nation in entering into a full-blooded political federation» – Éamon de Valera (12 Julho, 1955), speech to the Dáil Éireann. "International co-operation and Irish unity".

EUA dirigem federalistas europeus.

William J. Donovan, advogado de Wall Street, OSS/CIA. William J. Donovan era um Coronel mas também um advogado de Wall Street. Conhecido como o "Father of American Intelligence", Donovan montou a OSS (com 16.000 agentes). Em 1947, a organização tornou-se a CIA.

Donovan lidera o Comité Americano para uma Europa Unida. Em 1948, os EUA montam o Comité Americano para uma Europa Unida (American Committee for a United Europe) para promover união europeia. O comité foi liderado por William J. Donovan

Donovan, Wall St., e o governo americano dirigem e financiam federalistas europeus, a par do Plano Marshall. Com a liderança de Donovan, a CIA e os Negócios Estrangeiros americanos dirigiram e financiaram o Movimento Federalista Europeu, como elemento acessório ao Plano Marshall. Trabalharam encobertamente com os líderes desse movimento, tais como Robert Schuman, Paul Henri Spaak e Jean Monnet. Os fundos vieram da Fundação Ford e de grupos de negócios com laços ao governo americano.

Os russos também aprovavam, federação europeia. Viam uma possível federação europeia como uma forma de começar a criação de um soviete europeu, que podia mais tarde ser assimilado na URSS.

Em 1958, o Rotarian fala dos Estados Unidos da Europa, união política estabelecida gradualmente. "Europe's New Giant: Six nations with 160 million people take another step to a 'United States of Europe.'". No artigo é dito que, «*Here economic and political necessity meet: the road to unity mapped out by European leaders meant offering a Common Market under federal institutions. From there, political unity would be attainable.*»

Louis François Duchene, The Rotarian, May 1958, p.8.

INSTITUIÇÕES – The new european Soviet.

[Retoma onde a antiga ficou].

"O Europeu", como "O Soviético".

Bruxelas e Estrasburgo tomam o lugar de Moscovo.

Comissão Europeia, o Politburo. A CE age como o legislador supremo, ipso facto, o Politburo. Politicamente, não existe poder superior à Comissão, nenhum sistema de separação ou balanço de poderes. A Comissão é um executivo plenipotente e não-eleito. Teoricamente, as decisões da Comissão têm de passar pelo Parlamento Europeu, mas se o Parlamento não for cooperativo, a Comissão pode simplesmente governar por fiat, e implementar política através de regulações imediatamente vinculativas a todos os estados-membro.

Parlamento Europeu, o Soviete Supremo. Está lá para aplaudir e carimbar as decisões do Politburo, e dá uma face aparentemente democrática à União Europeia.

European Council, a fazer lembrar o Conselho de Estado de Gorbachev, na URSS. Talvez continue onde o anterior ficou.

Em vez do Conselho de Comissários do Povo, ou o posterior Conselho de Ministros – o Conselho (The Council).

O Tribunal do Povo dá lugar ao Tribunal Europeu de Justiça. Que também lida com ideologia e aprova e decreta as normas sócio-culturais que são aceitáveis e desejáveis, bem como os direitos e os deveres dos cidadãos. Isto, claro, é muito diferente da ideia de direitos inalienáveis.

Conselhos de homens sábios. "Homens sábios" decidem directivas de acção. "Grupo de reflexão", com membros escolhidos na base de "mérito". Como na Revolução Francesa ou no tempo de Brejnev. [EU struggles to choose 'wise men' to ponder its future]

ECB em vez do Banco Central de Moscovo.

EBRD em vez do Vneshtorg.

Estruturas e agências autoritárias... ou seja, exigem obediência e reconhecimento de autoridade.

...e totalitárias. Com autoridade extendida a todos os domínios da vida.

Governância por especialistas, técnicos, e "homens sábios" – o sistema spetz.

Estandardização [gradual] económica, política, cultural.

Regiões federais são o sistema dos sovietes, para dividir e conquistar. Tudo isto é similar à política soviética de dividir e conquistar. Estamos a falar de Repúblicas Socialistas Soviéticas ipso facto.

Em vez do Exército Vermelho, uma espécie de Exército Azul, ou talvez Violeta.

GORBACHEV – O “lar comum europeu”. Um bloco central neste conceito, de uma «*nova ordem*» global, é uma união continental eurasiática, com a fusão entre Europa Ocidental e o Bloco de Leste até aos Urais. É dito que «*A Europa é o nosso lar comum*», o «*lar comum europeu*», «*desde o Atlântico até aos Urales*», e que existe a necessidade de uma «*política [comum] pan-europeia*». (p. 217, 218, 220)

Mikhail Gorbachev (1987), Perestroïka.

Este conceito foi mencionado inicialmente por Brezhnev.

BRZEZINSKI – Expansão da Europa para Leste.

Expandir UE e NATO para absorver Bloco de Leste, incluíndo Ucrânia.

Construir rede de laços com Bielorússia e Rússia.

“An American-sponsored larger Eurasian structure of security and cooperation”.

Brzezinski destaca que os próximos passos seriam expandir a UE e a NATO para absorver o antigo Bloco de Leste, incluíndo a Ucrânia, e é claro que todos estes objectivos estão a ser gradualmente implementados.

«*In the current circumstances, the expansion of NATO to include Poland, the Czech Republic, and Hungary—probably by 1999—appears to be likely*.» Depois disto, esta expansão «*will follow the expansion of the EU*», e «*both the EU and NATO will have to address the question of extending membership to the Baltic republics, Slovenia, Romania, Bulgaria, and Slovakia, and perhaps also, eventually, to Ukraine.*»

«*Such a larger Europe would be able to exercise a magnetic attraction on the states located even farther east, building a network of ties with Ukraine, Belarus, and Russia, drawing them into increasingly binding cooperation while proselytizing common democratic principles. Eventually, such a Europe could become one of the vital pillars of an American-sponsored larger Eurasian structure of security and cooperation.*»

Zbigniew Brzezinski (1997), The Grand Chessboard.

ATTALI – UE expandida a ex-Jugoslávia, Bulgária, Roménia, Moldávia, Ucrânia.

«*A União Europeia será alargada à ex-Jugoslávia, à Bulgária, à Roménia, à Moldávia e à Ucrânia*» (p. 116)

Jacques Attali (2006), “Uma Breve História do Futuro”.

Expansão para Leste.

Estabelecimento de laços comerciais e harmonização com Leste, incluíndo Rússia.

Neste ponto, pode perguntar-se, quem absorve quem?

CFR: "EU shows you how to subvert sovereignty".

Bremmer (Eurasia Group): "There's real subversion of sovereignty by the EU that works".

Painel "The G20: Prospects and Challenges for Global Governance".

Painelistas incomodados com a falta de autoridade do G20 – e.g.Slaughter, Berggruen.

«*...the Council on Foreign Relations (CFR) held a panel discussion at Princeton University entitled "The G20: Prospects and Challenges for Global Governance" ...an admission by Eurasia Group President Ian Bremmer is especially noteworthy... Bremmer admits that "there's real subversion of sovereignty by the EU"... The context of the Bremmer quote was a venting of frustration by the panelists over the "ineffectiveness" of the G20 process. Professor Slaughter and Mr. Berggruen particularly argued that the G20 needed to be given actual powers that would enable it to do more to effect global governance. Unfortunately, from the panelists' viewpoints, national sovereignty and national interests get in the way of this objective. This is where Mr. Bremmer commented... "The EU is much more significant. There's real subversion of sovereignty by the EU that works." It would appear that the panelists all favored this type of EU-style of sovereignty-subverting "governance."*»

Algumas das pessoas aqui presentes (gente de RI, institutos, grupos de consórcio).«*The CFR panel included... Nicolas Berggruen, chairman of the Berggruen Institute on Governance and coauthor of Intelligent Governance for the 21st Century: A Middle Way between West and East... Ian Bremmer, president, Eurasia Group... Stewart M. Patrick, senior fellow and director of the International Institutions and Global Governance Program at the Council on Foreign Relations; and Anne-Marie Slaughter, Bert G. Kerstetter Professor of Politics and International Affairs at Princeton University... Professor Slaughter served as the presider of the CFR panel discussion*»

["CFR Applauds European Union's 'RealSubversion of Sovereignty'", William F. Jasper, The New American, April 23, 2013]

CFR, ou "kafir" (e depois também há NGO e muitas outras). Lê-se sempre os acrónimos destas organizações. A CFR é montada pelos banqueiros de Milner para ser um dos pólos de influência da City nos EUA. O propósito era aquele definido por Cecil Rhodes anos antes, recuperar o território colonial da América, colocá-lo em linha com a Commonwealth. Estes homens eram incríveis racistas (montaram o apartheid na África do Sul) e faziam sempre jogos com acrónimos, tradição que continua até hoje. Portanto, chamaram a esta organização subsidiária, CFR, que se lê "kafir". Também é deste círculo que vem "NGO", que se lê de forma bastante óbvia. São organizações trabalhadoras, escravas, para destruir o resto dos escravos.

UE – Juliet Lodge e a Nova Europa Nazi

Juliet Lodge: EU Homeland Security Agenda.

Juliet Lodge: Transparência total para público, opacidade total para autoridades.

Domesticação política: a UE e os povos europeus, o lobo e o gado.

UE, um regime pós-democrático, autoritário [Corporatismo, stealth, secretismo, tecnocracia, "apolítica"].

Governância público/privada [i.e. feudalismo, fascismo, sovietismo].

Governância público/privada: teatro e venda de imagem.

Governância público/privada: o teatro é autoritário, como na Idade Média.

Power politics de balcanização fascista.

Identidade europeia, ainda bastante distante (oh yeah).

Identidade europeia: Homogeneidade e patriotismo constitucional.

Juliet Lodge: EU Homeland Security Agenda.

Agora UE é a *homeland*: "segurança, biometria, excepcionalismo, acesso, e-security".

"Step change… citizens as suspects".

"Citizen, from empowered individual in supranational political space to object of supranational security agencies".

«*EU homeland security agenda and the associated biometric instruments signal the increasing securitisation of the EU but challenge the EU's commitment to the principles of freedom, democracy and justice. The doctrine of exceptionalism and use of EU biometry to service immigration and internal security priorities (such as combating terrorism and the US homeland security agenda) may compromise EU legitimacy and raise the spectre of the concept of citizens as suspects. The article outlines the claims of 'exceptionalism' used to rationalise e-security, biometry and PNR. It concludes with thoughts on the citizen as suspect and the step change from viewing the citizen as an empowered individual in the supranational political space to the citizen as the object of supranational security agencies*»

Keywords: Segurança, acesso, gestão, biometria, terrorismo, e-security. «*SECURITY systems… ACCESS control… SECURITY management… INDUSTRIAL management… NATIONAL security… e-security… EU biometry… terrorism*» [Lodge, Juliet (2004). "EU homeland security: citizens or suspects?", Journal of European Integration. 26(3), 253-279]

Juliet Lodge: Transparência total para público, opacidade total para autoridades.

Juliet Lodge, académica Monnet, i.e. comissária para a UE. Jean Monnet European Centre of Excellence, University of Leeds, UK. Esta é uma moça pensada para coisas importantes, como demonstrado pelo nome, "a rapariga divina da loja".

Ensaio sobre transparência. Juliet Lodge escreve um ensaio sobre como transparência, sob governância pós-moderna, é uma palavra feia a ser evitada para as figuras de autoridade, mas usada liberalmente para o público. Por outras palavras, opacidade total para as guildas das classes governantes, transparência total da vida do cidadão comum (i.e. estado policial). [Juliet Lodge (2002). "Challenges to Democracy – Transparency and EU Governance: Balancing Openness with Security"]

[Francisco Seoane Pérez & Juliet Lodge (2011). "Distant and apolitical? A comparative study of the domesticisation and politicisation of the EU in Yorkshire (UK) and Galicia (Spain)", Paper to be presented at the Euroacademia conference "The European Union and the Politicization of Europe", to be held in Vienna on 8-10 December 2011]

Domesticação política: a UE e os povos europeus, o lobo e o gado.

Estudo sobre domesticação política (lit.).

Determina que galegos estão mais domesticados pela UE que ingleses de Yorkshire.

Para UE ser "engaging" [engage the enemy!], tem de haver identificação EU/gado.

[Identificação, um critério de domesticação política, para criar Síndrome de Estocolmo].

«*When a political regime is domesticised, that is, when identification between representatives and represented exists, the "antagonistic" politicisation between enemies would be replaced by the "agonistic" politicisation between the members of a polity, that is, by an ideological, rather than inimical, left-versus-right contest. We test*

this intimate relationship between positive domesticisation and agonistic politicisation by interviewing the networks of EU-related political and social actors in two contrasting regions in Europe, Yorkshire in the UK (the paradigm of British euroscepticism) and Galicia in Spain (where the EU has been supported by most political elites), and by content-analysing the news that link the EU to these regions in their respective benchmark newspapers (The Yorkshire Post and La Voz de Galicia). In Yorkshire the predictions of the theory hold true (lack of identification leads to a friend-versus-enemy relationship), but in Galicia a positive domesticisation does not lead to an agonistic or left-versus-right politicisation… A positive regard of the EU in Galicia by the political elites and the mainstream media has not made the EU popular there. Paradoxically, the EU is more "political" in Yorkshire (in an antagonistic sense), with the EU embodying the enemy… In order to be engaging, communicatively viable, EU politics must find a way of identifying governors and governed…»

UE, um regime pós-democrático, autoritário.

"Integrada by stealth, com evitamento de participação popular".

"Governada por Corporatismo – procura controlo político pan-europeu".

"Tecnocrática e apolítica".

Nada é "apolítico" – o que isto quer dizer é que UE é pós-parlamentar, autoritária.

«*The way the EU has been integrated (through a neofunctionalist avoidance of popular participation), the way the EU is governed (diplomacy and corporatism are intrinsically against the publicity of procedures)… redistributive political decisions at a pan-European scale… The answers must be found in the way Europe has been integrated (by stealth), the way Europe is governed (through diplomacy and neo-corporatism)… EU politics is deliberative, technocratic, and apolitical*»

Governância público/privada [i.e. feudalismo, fascismo, sovietismo].

Governância público/privada feita em concertação com cartéis, OSCs [i.e. fascismo].

"Democracia associativa" [fusão, fascii, fascismo] – "Individual citizen left aside".

Com público/privado, espaço público torna-se feudal (deixa de existir, é privatizado).

"Private actors, corporatist associations, assume public functions" (feudalismo).

"Parliament weakened" [transformado no Parlamento alinhado do fascismo].

Tudo o que fica são funções colectivas, corporatistas:

"Collective and corporatist bargaining, backroom deals later sold to a passive public".

«*Finally, the EU regime also shows strong signs of neo-corporatism, with a peak business association (Business Europe) and a peak trade union confederation (ETUC) as main social partners in continental co-governance. Both in Brussels and in the regions EU activities attract a highly selective group of organized civil society groups. On occasions, their independence is compromised by their financial reliance on Commission contributions. The modern discourse of governance (involvement of public and private actors in policy-making and policy-delivery) nicely fits with the principle of subsidiarity (making lower-level administrations the executors of upper-level regulations). Corporate groups are consulted on European legislation, and regional elites (be they academics, business associations or local or regional administrations) participate in European projects. But in the world of this "associative democracy", the individual citizen is left aside… The public sphere of mass democracies is feudal because the separation between the public (the state) and the private (society) is over: the (welfare) state, in response to mass demands, manages the economy to a degree not seen in the liberal age, making more and more features of private life depending on the state. Likewise, private actors, namely corporatist associations, assume public functions. For Habermas, collective bargaining is one of the most prevalent features in this mix of the public and the private: "Collective agreements between employers " associations and trade unions lose their private character; they must have a public character, because the regulations they produce act as if they were law." (Habermas, 1994 [1962]: 180)… There is a transition from (liberal) discussion to (corporatist) bargaining, a shift from publicity (where power, in Habermas jargon, is "rationalised") to backroom dealings that are later "sold" to a passive public. The Parliament, the quintessential institution of liberalism, is weakened in favour of the dealings between the administration and trade unions or employer's organisations*»

Governância público/privada: teatro e venda de imagem.

HABERMAS: Esfera pública crítica, burguesa, substituída por esfera refeudalizada. E o que Habermas trabalhou para alcançar isto.

ELEIÇÕES.

Passam a ser mercados comerciais de venda de imagem, sem substância real.

Não mudam nada, nem ao nível nacional nem ao nível europeu.

«*The "transformation" that Habermas deals with on his seminal work has to do with the shift from a "critical public sphere", typical of the bourgeois times, to a "re-feudalised public sphere" in the age of mass democracy, where critical deliberation on state matters is artificially aroused on electoral periods, and is not geared towards the best solution, but to the commercial-style choosing of political options in the marketplace of ideas… After all, EU neo-corporatism is just a pan-European translation of what has been going on for years on its respective constituent states.*

However, at the EU level the "emergency break" of ousting governments through popular elections is unavailable for Europeans. If elections change little at the national level, they change even less at the EU level»

Governância público/privada: o teatro é autoritário, como na Idade Média.

"After state and corporate organizations sign deals, then they're sold to the public".

Comunicação pública torna-se "demonstrativa", tal como na Idade Média.

Debate substituído por PR para ganhar a aquiescência do público.

"Publicity is medieval again, with political actors not representing citizens, but power".

"Publicity is no longer about (rational) discussion".

"The new barons represent their power 'before' the people, instead of for the people".

"EU publicity is a Medieval "showing of power", the EU Council its finest exponent".

«*And, just like in the Middle Ages, publicity or the public sphere of mass (welfare) democracies becomes "demonstrative" again. The public sphere is not that independent realm where the bourgeoisie assembles to criticize state affairs. In the age of welfare mass democracies, notoriety comes only after the agreements have been reached between the state and corporate organisations. Publicity is not about debate, but about public relations to win the public's acquiescence. Publicity becomes medieval ("representative", "demonstrative") again, with political actors not representing citizens, but power. Publicity is no longer about (rational) discussion. The modern prince (the government, the bureaucracy) and the modern estates (business groups and labour unions) "represent their power 'before' the people, instead of for the people." (Habermas, 1973: 51). That is, "publicity imitates now that aura of personal prestige and supernatural authority so characteristic of representative publicity" (Habermas, 1994 [1962]: 222)… The EU publicity is much about a Medieval "showing of power", the Council of the EU being its finest exponent*»

Power politics de balcanização fascista.

Criar agonismo, partisanismo fictício, vitória sobre o "inimigo", balcanização.

Isto é feito de modo pan-Europeu com balcanização esquerda/direita.

Uma peça de teatro fascista – triangulação fascista.

Sob Terceira Via, deixa de haver distinção entre esquerda e direita.

Uma peça de teatro útil [dança E/D, uma boa capa para gestão na destruição].

Na peça de teatro, os "outsiders" são a extrema-direita.

Todos os actores são fascistas – ultranacionalistas e Corporatistas de D e E.

«*In order to be engaging, communicatively viable, EU politics must find a way of identifying governors and governed, and a way of agonising politics, of encouraging partisanship, of creating rivalry between "authentic principles that lead to very different approaches to governing" (Dionne Jr., 2010)… according to Müller, this "post-patriotic" EU (p. 128) has yet failed to address the two key Schmittian questions: "Who decides?" and "Who is the enemy?" Müller's response to the Schmittian imperatives strongly resonates with my discussion on the domestication and politicisation deficits of the EU: "The Union has no single identifiable locus of sovereignty, and it does displace 'the political' into the economic and the ethical –just as Carl Schmitt claimed liberalism always would" (p. 127, his italics). And, further to this point, "the Union is a liberal civil association, which is designed to liberate its members from the political, if the political is understood in a Schmittian manner." (p. 128, his italics). So, risking a daring interpretation of Müller words, we could conclude that the EU was invented to liberate Europeans from politics, from enemies, from the "others" inside. In ruling out war, the EU ended up ruling out politics. The EU, following Schmittian language, is highly liberal (conflict-avoidant) but poorly democratic (people do not feel as the true sovereign of the polity due to lack of identification with a ruler)… Our Schmittian suggestion is not hundred per cent Schmittian. It is actually closer to Mouffe's revision of Schmitt's theories (Mouffe, 2000). Observing the rise of "deliberative democracy" and the end of distinction between left and right brought by Clintonism and Blair's (or Giddens') Third Way, Mouffe reacted claiming that such depolitisation was favouring the rise of the extreme right in European countries, which was introducing itself as the only authentic alternative to the establishment. Inspired by Schmitt's concept of the political, Mouffe argued for an "agonistic" model of democracy, whereby the friend-enemy distinction is transformed into a contest between rivals with radical differences that must result in the temporary "hegemony" of one of them, that is, on the implementation of a given political programme, as long as constitutional guarantees are respected. Mouffe's victory over a rival is not Schmitt's annihilation of the enemy. It keeps the antagonistic (or, in Mouffe's terms, agonistic) nature of politics, while keeping the common ground of a liberal constitution intact. Taking agonistic politics to the European level would imply believing in some sort of European demos, where opposition between Europeans is based on left-right divisions rather than on ethnic or national confrontations (e.g. eurosceptic countries versus federalist member states). Both Mouffe and Schmitt claim that, if the political is not made explicit, if sides are not allowed to fight and declare victory or admit defeat, the political will somehow come back, sometimes in undesirable and unexpected forms. For Mouffe, the left's contemporary surrender to neoliberalism, its denial to confront the right with a radically different political project and instead disguising itself as "centre-left" or "third way", is making the labour class turn to extreme-right parties, as they are regarded as the true alternative to "the system"*»

Identidade europeia, ainda bastante distante (oh yeah).

"Homem novo europeu", ainda bastante longe ("Europeans won't die for Brussels").

Europeus ainda têm alguma cabeça, portanto não querem euro-imperialismo.

Vêem UE como espaço de cooperação, não como governo supranacional.

«*It is very unlikely, if not impossible, that Europe will ever find its own continental version of traditional nation-state nationalism. Europeans are not, and may never be, ready "to die for Brussels", as as Müller comments with a grain of sarcasm (2007: 128). Constitutional patriotism might therefore be the only sort of political attachment valid for EU citizens, but also for other diverse, multicultural democratic polities… In contemporary studies on European integration, the claim that lack of homogeneity prevents the existence of a true European democracy is far from outlandish. For Majone, the decreasing participation in European elections is largely related to the absence of a true "European demos" (Majone, 2005). For Jolly, the psycho-sociological deficit of the Union (the lack of a "European political people") should prevent the EU from taking decisions with truly distributive consequences. After examining public opinion data, Jolly concludes that "Europeans do not see themselves a part of one democratic whole, but rather constituent units cooperating within an institutional framework called the EU (...) Areas that demand a high degree of solidarity should not be subjected to supranational government" (2007: 237-238)…*»

Identidade europeia: Homogeneidade e patriotismo constitucional.

HABERMAS: "Patriotismo constitucional europeu" (que horror). Quem no seu perfeito juízo se sentiria emocionado com as 900+ páginas de pure rubbish da EU Constitution?

On the issue of identity, Habermas' main contribution has been his idea of "constitutional patriotism", a sort of "civic nationalism", or a "nationalism of values", with which Europeans could identify despite their linguistic differences.

SCHMITT: Exige homogeneidade, i.e. das Nazi Volk, o colectivo do Soviete.

"Homogeneidade essencial em democracia" (se democracia for ditadura – nonsense).

"Homogeneidade talvez pareça anacronismo, xenofobia" [anti-humano].

"Sufrágio universal só faz sentido se todos forem 'iguais'" i.e. borg. A total e completa deturpação do conceito de igualdade.

«*…the impossibility of going towards majoritarian (democratic) means of government without some sort of European identity that could hold the polity together… Carl Schmitt is also a key author for study of domestication and politicisation… If a political*

system wants to be democratic, Schmitt sees no other avenue than the homogeneity of its population. With no homogeneity, decisions based on majority (democracy) can be self-destructive for the polity if losers do not see winners as part of them… Schmitt on domesticisation: democracy as homogeneity… In a multiethnic and multicultural world as ours Schmitt's claim that homogeneity is an essential principle in democracy may stand out as anachronistic at best, and xenophobic at worst [é simplesmente anti-humano] …for Schmitt, universal suffrage only makes sense when there is homogeneity… Inviting every other human being to decide upon the public affairs of a given territory would make the political equality of the citizens of that territory useless. Hence the need of a more "substantive" equality, that of national homogeneity. Equality is then related to identity, and identity to alterity (to the existence of a foreigner).

Van Rompuy – Demagogia sobre o estado-nação europeu.

Van Rompuy: Superestado europeu, crimes de opinião, identitarismo.

Van Rompuy, no 21º aniversário da queda do Muro. Discurso feito na Alemanha pelo Presidente da EU, no 21º aniversário da queda do Muro de Berlim.

Eurocepticismo como crime de opinião. Rompuy afirma que o eurocepticismo tem de ser combatido e, que é a maior ameaça actual à paz. Ou seja, a força do estado tem de ser empregue para impedir isto, decretado como um crime de opinião *de facto*.

"Maior ameaça à paz" [o mesmo era "verdade" para os sovietocépticos]. Isto é tirado a papel químico dos discursos do Politburo. Os sovietocépticos também eram ameaças à "paz" i.e. ao sistema totalitário.

Van Rompuy favorece **identitarismo** [i.e. supremacismo etno-ideológico]. O mais desprezível em todo este exercício é a tentativa de equacionar o estado-nação soberano, um paradigma universalista, com fascismo. Van Rompuy ataca toda e qualquer forma de sentimento patriótico como sendo um qualquer "desejo de homogeneidade". Mas depois faz a inversão dialéctica. Van Rompuy favorece um "*positive feeling of pride in one's own identity*". Isto é identitarismo etno-ideológico. Esta é a única forma de "patriotismo" que alguma vez gerou fascismo nacionalista. Com efeito, é a forma de "patriotismo" que é advogada por Fascistas. Mas é isto, este sentimento identitário fascizante, que Van Rompuy favorece. Enquanto ataca liberais-democratas por não quererem estar sob a gestão de aberrações ideológicas como Van Rompuy.

Demagogia sobre "medo" dos outros.

"Medo" só entre neo-nazis proliferados por intelligence militar. Não existe qualquer medo dos outros, a não ser entre fascistas, como Van Rompuy e, do outro lado do espectro, as criaturas milicianas neo-nazis que são criadas e sustidas pelos aparatos de *intelligence* militar.

Eurocepticismo mainstream defende estado-nação liberal-democrático. O que existe entre o euroceptico médio é a noção realista de que estar preso a um Kraken pós-industrial, pós-moderno, totalitário, abertamente Euro-Fascista nas suas linhas políticas, é algo de inaceitável. Existe o desejo de voltar a uma Europa de estados-nação liberal democráticos que *cooperam* entre si.

O estado-nação é impossível, só o superestado conta. Isto é o sumo, a essência, do discurso de Van Rompuy. Uma vez mais, é um exercício de demagogia totalitária e imperialista, tirado a papel químico dos discursos do Politburo.

Demagogia sobre crise económica – proliferada e agravada pela UE. Ao longo das últimas décadas, a UE conduz a campanha para a desindustrialização e para o de-desenvolvimento da Europa Ocidental, simultânea com a financialização patológica das economias. Ao mesmo tempo, organiza instituições para fazerem um *pool* comum dessas financializações. Quando a crise rebenta, conduz uma política unitária de Quantitative Easing e bail-out aos bancos. Essa é a política que leva ao arrastar da crise ao ponto em que está hoje em dia, na Europa. Pelo caminho, usa estados-nação como portas giratórias para a circulação de crédito para os bancos, com contribuintes nacionais a assumirem as dívidas intergeracionais por essas oferendas. Tudo isso leva à liquidação do estado-nação em si, através de processos de privatização e devolução social, algo que a UE não só favorece, como assevera ser um objectivo estratégico, na *framework* do Tratado de Lisboa.

Medo de proteccionismo [o medo comum a banqueiros, a fascistas e a comunistas]. Van Rompuy é um neo-feudalista, portanto teme o sistema Renascentista de protecção tarifária, i.e. o direito que o estado-nação tem de proteger a sua própria economia, e a sua própria população, contra operações de guerra económica conduzidas por conglomerados multinacionais. Da mesma forma, proteccionismo é uma barreira contra a lei concessionária (i.e. mercantil, baseada em concessões e privilégios) que caracteriza o sistema de "free trade". Ao longo de toda a história humana, o estado-nação liberal, democrático, descentralizado, economicamente sofisticado, só existiu sob protecções tarifárias. Sempre que o sistema de mercantilismo (i.e. free trade) é adoptado, os resultados são consolidação económica, resultando na redução dramática do standard de vida das populações e em autoritarismo político. Comunismo, fascismo e capitalismo de monopólio; todos são baseados em lei mercantil e concessionária. É disso que Van Rompuy gosta, porque Van Rompuy é um Fascista internacional, um Euro-Fascista. Quer um mundo no qual o "novo homem europeu" seja muito pobre (sustentável) e troque brindes com o "novo homem chinês", também ele muito pobre; enquanto Van Rompuy e a sua casta de banqueiros e tecnocratas operam os seus monopólios internacionais e colectem comissões sobre a desgraça alheia.

Citações. «*...the time of the homogenous nation state is over... We have together to fight the danger of a new Euroscepticism... This is no longer the monopoly of a few countries... In every member state, there are people who believe their country can survive alone in the globalised world. It is more than an illusion – it is a lie... The biggest enemy of Europe today is fear... Fear leads to egoism, egoism leads to nationalism, and nationalism leads to war... Today's nationalism is often not a positive feeling of pride in one's own identity, but a negative feeling of apprehension of the others... Just imagine the big recession of 2008/09 with the old currencies. It would have resulted in currency turmoil and the end of the single market. A currency war always ends in protectionism*» ["Nation states are dead: EU chief says the belief that countries can stand alone is a 'lie and an illusion'", Daniel Martin, The Daily Mail, November 11, 2010]